

JARBAS COUTO E LIMA

Tese de Doutorado

O CORPO CAPTURADO:

o enlace da linguagem na constituição do corpo pulsional

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
2005**

Lima, Jarbas Couto e.
O Corpo Capturado : o enlace da linguagem na
constituição do corpo pulsional. / Jarbas Couto e
Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Nina Virgínia de Araújo Leite.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

1. Linguagem. 2. Corpo. 3. Freud, Sigmund,
1856-1939. I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The Captured Body: the enlacement of the language in the constitution of the pulsional body.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Language; Body; Freud.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutorado.

Banca examinadora: Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite, Profa. Dra. Cláudia T. Guimarães de Lemos, Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli, Profa. Dra Maria Irma Hadler Coudry, Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes, Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras e Profa. Dra Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro.

Data da defesa: 25/02/2005.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite (Orientadora)

Profa. Dra. Cláudia T. Guimarães de Lemos

Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli

Profa. Dra Maria Irma Hadler Coudry

Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes,

Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras

Profa. Dra Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro

RESUMO

Discute-se a passagem realizada por Sigmund Freud da anatomia clássica aos primórdios do pensamento psicanalítico, investigando suas rupturas com a neurologia. Investiga-se também a hipótese de que a explicação neurológica de corpo em representação é uma das pontes para uma explicação que envolve a concepção associativa com a qual Freud inicia essa refutação da neurologia. As marcas mais profundas dessa ruptura, entretanto, são encontradas na influência de Jackson sobre o fundador da psicanálise. Isso se dá, mais precisamente, pela introdução do funcionamento da linguagem como elemento fundamental para o surgimento do conceito de aparelho psíquico, o que envolve uma articulação original, propriamente freudiana, entre corpo e linguagem. A partir de então, se adota como objeto o estudo de Freud sobre as afasias e o malogro do modelo anatômico ante os sintomas do corpo na histeria. Supõe-se aí que Freud concebe pela primeira vez a linguagem, não como função natural, mas como elemento fundante na elucidação do aparelho psíquico e na constituição do corpo pulsional, assim como seus efeitos no corpo histérico. Argumenta-se que a função do imaginário proclamada na teoria lacaniana do estágio do espelho representa um dos pilares teóricos para uma explicação do domínio do corpo pela criança como efeito de linguagem. Ressalta-se a importância das oposições fonológicas no processo de junção do registro do imaginário com o simbólico, no interior de uma investigação sobre o jogo do Fort/Da. Dessa forma, enfatiza-se o jogo de presença e ausência como a matriz de oposição significativa capaz de introduzir o sujeito na linguagem e no domínio do próprio corpo. Considera-se uma aproximação entre Freud e Saussure pela via da constituição da alteridade externa e interna à linguagem. Por último, aponta-se, à guisa de conclusão, algumas consequências patológicas da ausência do discurso do Outro primordial na constituição do homem como um ser de linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Corpo. Freud.

ABSTRACT

It is discussed the passage performed by Sigmund Freud of the classical anatomy to the origins of the psychoanalytical thought, investigating their ruptures with the neurology. As well it is investigated the hypothesis that the neurological explanation of body in representation is one of the bridges for an explanation that involves associative conception with which Freud begins this refutation of the neurology. The most profound marks of this rupture, however, are found in Jackson's Influence on the founder of the psychoanalysis. That gives, more precisely, by the introduction of the operation of the language as a fundamental element for the appearance of the concept of psychic aid, which it involves an original articulation, properly by Freud, among body and language. From this point on, it is adopted as an object Freud's Study on aphasia and the failure of the anatomical model before the symptoms of the body in the hysteria. It is supposed there that Freud conceives for the first time the language not as a natural function, but as fundamental element in the elucidation of the psychic aid and in the constitution of the body, as well as their effects in the hysterical body. It is argued that the function of the imaginary proclaimed in the Lacan's theory of the apprenticeship of the mirror represents one of the theoretical pillars for an explanation of the domain of the body by the child as language effect. It is stressed the importance of the phonological oppositions in the joint process of the registration of the imaginary with the symbolic, in the investigation of Fort/Da's Game. Thus it is emphasised that the game of presence and absence as the matrix of significant opposition which enables the introduction of the subject in the language and in the domain of the body. It is considered an approach between Freud and Saussure through of the constitution of external and internal alterity to the language. Finally, it is concluded that some pathological consequences are related to the absence of the speech from Other primordial in the man's constitution as a being of language.

Keywords: Language. Body. Freud.

Para Márcia, Mariana e Milena porque
elas são poesia simples de dia-a-dia,
dessas que rimam singelo com amor e
alegria.

AGRADECIMENTOS

À Nina, pela orientação valiosa e pela amizade que muito prezo.

À Cláudia, pelo convite longínquo, pela solidariedade e pelo rigor.

À Maria Rita, pela leitura cuidadosa e pelas importantes observações.

Ao Guillermo, por representar-me perante a Unicamp e pela preciosa amizade.

Ao Cláudio pelo valioso auxílio e pela excelência de seus serviços na Comissão de Pós-graduação.

À Unicamp e ao IEL, pela convivência e pela lição de competência.

Aos meus colegas professores do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA, pelo apoio.

Aos amigos Érico, Wagner Cabral, Ana Patrícia, César C., Periandro, Guto, Patrícia, César H., Eduardo, Joanita, Rogério, Petronílio e Júnior pela amizade.

Aos colegas Lauro Baldini, Eliane, Cláudia, Grazielle e Fabiana pela convivência prazerosa durante o curso.

Aos amigos Cláudia, Maria de Fátima e Orlando pelo apoio em Campinas.

A Minha Família, Pais, Irmãos, Tios, Sobrinhos, Cunhados, por tudo.

“O cérebro manda uma mensagem para uma membrana e essa mensagem vai para o fígado, o qual, se estiver acordado cozinha a palavra (que era fluida) com o coração (fogo). (...) Após ser cozida a palavra vai para o pulmão, o qual esfria e a manda para a laringe daí para a boca onde é mastigada, a fim de não sair má. Só depois ela é expelida.”

(Descrição dos Dogon, povo da Nigéria)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
 CAPÍTULO I	
DAS PARALISIAS E DAS AFASIAS.....	7
1.1 Uma introdução aos primórdios da concepção freudiana do corpo	7
1.2 O estudo sobre as afasias.....	17
 CAPÍTULO II	
2 UM CORPO IGNORADO E O OUTRO.....	39
2.1 A perda da fala na histeria.....	39
2.2 O embrião do inconsciente na fala do corpo histérico.....	43
 CAPÍTULO III	
3 O NASCIMENTO DO CORPOLINGUAGEM NO ALVORECER DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA.....	51
3.1 O “Projeto” como uma linguagem do psíquico resultante da descontinuidade do corpo anatômico em relação à consciência.....	53
 CAPÍTULO IV	
4 O CORPO NO ESPELHO.....	65
4.1 O aparelho psíquico como um aparelho de memória	65
4.2 A constituição da imagem inconsciente do corpo	71

CAPÍTULO V

5	A FALA DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO.....	75
5.1	A Lambida Materna no Corpo do Infans.....	75
5.2	Noções Elementares sobre a Alteridade <i>com</i> a Linguagem.....	87
5.3	O corpo outro da Língua.....	102

CAPÍTULO VI

6	À GUIA DE CONCLUSÃO: o enlace da linguagem no corpo pulsional.....	107
	REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

Pôr em questão determinadas evidências relacionadas ao corpo enquanto dotação biológica, não é algo que esteja fora do escopo da Lingüística, se tomarmos esse último termo num sentido amplo. A própria heterogeneidade da Lingüística anunciada em diferentes teorias e diferentes pontos de vista sobre a linguagem subsume concepções diferentes sobre o corpo. No interior de algumas dessas teorias sobre a linguagem, o corpo é tomado como uma evidência física e sensório-perceptiva e está, muitas vezes, enquanto tal, a serviço de suas premissas básicas. Lemos assim o afirma:

Em algumas teorias, o apelo à mente/cérebro para explicar a linguagem é conseqüente à redução da linguagem a veículo de significados prévios, de conceitos enquanto representações mentais. Em outras, porém, é o próprio reconhecimento de que a linguagem tem uma ordem própria, - irreduzível quer ao significante quer à matéria fônica ou gráfica que o representaria -, o ponto de partida para a concepção da linguagem como faculdade e, portanto, como parte da dotação biológica da espécie (LEMOS, 1995b, p.2).

Somos convocados aqui a discernir essa intrincada relação entre o somático e o psíquico, no que ela circunscreve uma abordagem sobre o ser da linguagem. Nosso objetivo é demonstrar como a concepção de corpo na psicanálise, baseada no conceito de pulsão, permite conceber a linguagem no interior dessa relação entre o somático e o psíquico.

Senão para responder, mas para, em primeiro lugar, colocar a questão formulada no título desse trabalho, torna-se necessário perguntar, portanto, sobre a constituição daquilo que em psicanálise se chama o “corpo pulsional”, a partir do que é próprio da linguagem. Nosso ponto de partida, portanto, visa a uma investigação de

como Freud constrói uma virada no conceito de corpo, de uma dotação puramente biológica para uma abordagem psíquica, o que indica, de saída, a presença da linguagem em sua constituição.

A diferença que queremos investigar entre corpo-biológico e corpo pulsional apóia-se no fato de que a primeira noção trabalha com a hipótese de que o corpo é constituído independente da linguagem, enquanto que na noção de corpo pulsional há a suposição de que o corpo está enlaçado em sua constituição na e pela linguagem.

Pensar o corpo como efeito de linguagem equivale a pensá-lo como capturado pelo funcionamento da linguagem. Captura que o coloca numa estrutura que surge mesmo do corpo-máquina para conduzi-lo através dessa lógica incongruente aos caminhos da eficácia simbólica.

Com efeito, se impõe a partir daí a busca de uma alternativa teórica para a noção de desenvolvimento no que se refere ao corpo. Segundo nos parece, o que Lemos chama de captura¹ está intimamente ligado a essa concepção freudiana do corpo. Captura do organismo pelo funcionamento da língua em que a criança é significada como sujeito falante, a que remete a constituição desse sujeito a um outro/Outro, captura que a coloca em uma estrutura.

Nosso trabalho pretende estar atravessado por essa mesma questão formulada de um outro ponto de vista: como se constitui o “corpo pulsional” no ponto de

¹ Sobre a utilização do termo “captura”, ela se apóia nos textos de Lemos. Assim, devemos esclarecer que não realizamos uma pesquisa detalhada da origem do termo ou de sua utilização no campo da psicanálise. Embora se possa supor que é desse campo que ela advém, segundo a própria autora, a noção aparece em seus trabalhos a partir de questões levantadas pela sua experiência empírica como pesquisadora da fala da criança: “Foram essas entre outras questões levantadas pela própria fala da criança [...] que me levaram à noção de captura pela linguagem. Cabe acrescentar que essa captura se dá, muito antes da criança falar, pelo lugar que a mãe lhe confere e a partir do qual a interpreta, significa, atribuindo-lhe intenções, sentido e referência. Não há como não reconhecer, desta vez com Benveniste, que essa interpretação se atualiza em enunciados que funcionam como textos que remetem, por sua vez, a discursos onde também ela foi/está significada”. (LEMOS, 2001, p. 33).

articulação entre o simbólico e o imaginário, portanto no interior da teoria lacaniana da função do eu?

A hipótese fundamental do nosso trabalho é a de que é na e pela linguagem que se faz essa ultrapassagem no homem de um corpo natural para um corpo dito pulsional. Seguindo esse ponto de vista, procuraremos investigar a elaboração dessa teorização em Freud concomitante à sua passagem da neurologia para a psicanálise.

Apresentaremos, portanto, na primeira parte dessa exposição, dois momentos da teoria freudiana. O primeiro se refere à passagem de uma abordagem anátomo-fisiológica para uma abordagem metapsicológica.

Discutiremos as rupturas entre a epistemologia da explicação freudiana do corpo e aquela da anatomia clássica, investigando, a hipótese de essa ruptura dar-se pela introdução de uma teorização sobre o ser da linguagem. Do malogro do modelo anatômico ante os sintomas do corpo histérico supõe-se que Freud chega a uma explicação que restabelece tal modelo ao nível do funcionamento psíquico, pela via da linguagem.

Defendemos a tese de que a concepção de corpo como representação é condição e possibilidade de crítica ao modelo epistemológico da anatomia de sua época, baseado na busca pelas conexões anatômicas e nos princípios localizacionistas. E que o pensamento propriamente freudiano, em especial o que ele pensou sobre o que chamou de aparelho psíquico se produz a partir da linguagem, como obra do que é incongruente nessa lógica anatômica e como resposta a essa incongruência.

No interior do que chamaremos da “primeira metapsicologia”, que corresponde a elaborações contidas no “Projeto”, investigaremos as descobertas iniciais das incidências da linguagem no corpo. Apresentaremos, resumidamente a

primeira elaboração freudiana do aparelho psíquico, seus elementos e o funcionamento dos sistemas que o compõem, assim como a lei de regulação válida para os sistemas, o princípio do prazer, e concluiremos com a marca das perturbações ruidosas nesse princípio.

Apesar de utilizarmos uma metodologia histórica apostamos na descontinuidade teórica no interior da elaboração freudiana. No que toca a investigação da história de Freud como neurologista procuraremos, portanto, explicitar o momento de ruptura com a neurologia clássica.

Mas essa descontinuidade também é suposta na medida em que utilizarmos o ponto de vista lacaniano para comentarmos Freud. De forma que, embora não nos preocupemos em explicitar isso no corpo do trabalho, alertamos que a passagem que por vezes realizamos de Freud a Lacan não deve ser tomada como uma continuidade..

Na perspectiva de Lacan, por exemplo, a concepção de sistema nervoso da qual Freud partiu baseava-se num princípio energético de que a energia nele contida sempre tende a voltar a um ponto de equilíbrio. Supor com Lacan que a elaboração freudiana metapsicológica está baseada numa abordagem energética implica, para nós, a construção de uma explicação de como essa abordagem se constrói desde os primórdios da psicanálise.

A partir do capítulo IV o leitor perceberá que nosso trabalho realiza uma tentativa de organizar uma série de conceitos pertinentes à constituição e funcionamento do aparelho psíquico, no que este envolve um enlace entre pulsão e linguagem. Embora nossa elaboração não tenha tido ao alcance desejado o leitor poderá contar, a partir daí, com um roteiro para o aprofundamento dos temas abordados.

Nesse contexto, podemos situar a reflexão sobre a função do imaginário em Lacan a partir do conceito de narcisismo em Freud. Essa cogitação tem como objetivo considerar como o funcionamento imaginário permite um nível de retração da realidade que envolve a organização para o indivíduo de uma imagem do seu próprio corpo.

Em seguida, realizamos uma também breve discussão sobre a juntura do imaginário como o simbólico, procuramos apreender esse momento, na medida em que a assunção jubilatória do domínio da imagem do corpo é produzida na criança por intermédio de um outro/Outro e esse domínio é assumido pelo sujeito no seu interior. Exploramos essa hipótese lacaniana a partir do caso do Fort/Da descrito por Freud. Esse momento de entrada do sujeito na linguagem é também analisado à luz da crítica de Lemos (1986) à noção de “aquisição”.

Ainda no sentido de refletirmos sobre a juntura do imaginário com o simbólico realizamos uma discussão sobre a questão da alteridade no interior da linguagem, assim como no que é suposto ser seu exterior, o plano do imaginário.

Essa reflexão tem como pano de fundo a questão da constituição da subjetividade pela linguagem. Ela se realiza a partir da leitura de Saussure numa tentativa de aproximação com Freud. Enfim, nessa parte do nosso trabalho procuramos discutir os marco elementares da constituição da subjetividade na e pela linguagem e no que isso implica o corpo e função do imaginário.

À guisa de conclusão – porque ele permanece inconcluso -, nos dois últimos capítulos, nosso trabalho faz referência a algumas situações clínicas as quais servem como contraponto para elucidação do que falha no enlace da pulsão com a linguagem nesses casos. Assim, conclui-se que aquilo que psicanálise denomina corpo pulsional não poderá prescindir de sua mortificação pela linguagem para se constituir integral.

CAPÍTULO I

DAS PARALISIAS E DAS AFASIAS

1.1 Uma introdução aos primórdios da concepção freudiana do corpo

Quando da sua ida para Paris em outubro de 1885 para realizar estudos no Hospice de Salpêtrière - segundo E. Jones, a “Meca do neurólogos” - Freud pretendia continuar seus estudos em neuropatologia, de cuja disciplina era docente na Universidade de Viena. Além da expectativa de poder encontrar reunido no Salpêtrière um grande acervo de material clínico, Freud seguia a sugestão de Ernest Wilhelm von Brücke, seu professor de fisiologia que o alertou para a possibilidade de obter inovações no método de investigação neurológico e que isso poderia deixá-lo famoso.

Naquela instituição psiquiátrica francesa Freud teria como mestre o renomado Jean-Martin Charcot, que ocupava ali a cátedra de Neuropatologia², e era protagonista das mais recentes descobertas que se realizara sobre hipnotismo e histeria, embora estas tenham sido recebidas pelos médicos da Alemanha e da Áustria “mais com dúvidas do que com reconhecimento e crédito” (FREUD, 1988f, p.42).

Num primeiro momento parece que Freud, assim como Brücke, não estavam inteiramente a par do movimento das idéias de Charcot. Freud afirma no relatório dos seus estudos em Paris o que pretendia: “[...] formar um julgamento sobre esses fatos baseado na minha própria experiência” (FREUD, 1988f, p.42).

² O sentido desse termo na França era muito mais abrangente do que em outros países como a Áustria e a Alemanha.

Até uma certa época, Freud que era um jovem médico neurologista, se interessava mais pelas investigações anatômicas do sistema nervoso, sobretudo aquelas que envolviam um conhecimento da medula espinhal, do que pelos temas da clínica. Para Brücke (apud JONES, 1959), seu mestre, o objetivo de Freud deveria ser o estudo do bulbo raqueano que é uma extensão da medula espinhal. O bulbo raqueano torna-se o objeto de desejo dos neurologistas da época; o estudo da anatomia cerebral de crianças tem origem com a inovação no método para estabelecer a origem e as conexões das fibras que atravessam esse órgão. Para isso, até então, se utilizava um método cujo procedimento principal consistia na impregnação dessas fibras por cloreto de ouro. Porém, com uma descoberta de cunho embriológico, realizada por Flechsig (apud JONES, 1959), constatou-se que a mielinização dessas fibras nervosas, nas crianças, não se produz simultaneamente. Mieliniza-se, primeiro, um grupo de fibras depois outro. Essa hipótese significava uma nova possibilidade para distinguí-las, o que significaria um avanço no estudo do bulbo raqueano³.

Podemos atestar o interesse de Freud pelo estudo anatômico do cérebro das crianças nos reportando, em primeiro lugar, a 1883. Quando ainda era aluno de Theodor Meynert, convida seu colega Holländer, que tinha bastante conhecimento em anatomia cerebral, a realizarem em colaboração um extenso estudo sobre o cérebro de recém-nascidos⁴. Esse período marca uma mudança no objeto das pesquisas de Freud. Posto que ele já vinha há muito tempo dando importância à estrutura filogenética do sistema nervoso, esta transformação na abordagem significava, além da passagem do estudo da estrutura neuroanatômica adulta para a estrutura infantil, também a

³ Segundo a neurologia moderna, essa parte do encéfalo é responsável, dentre outras funções, pela sensibilidade e motricidade da língua, da faringe e da laringe.

⁴ Isso ocorreu no em julho de 1883 (JONES, 1959, p. 208).

passagem do estudo da estrutura filogenética para a estrutura ontogenética. O fato curioso é que os três trabalhos sobre o bulbo raqueano, produzidos já a partir desse novo método de Flechsig versavam sobre as raízes e conexões do nervo acústico. O material era composto de bulbos raqueanos de fetos de cinco e seis meses, quando as fibras acústicas já estão mielinizadas. Não consideramos absurda a hipótese de que Freud já demonstrava aí, na época dos estudos anatômicos, um interesse prematuro pela linguagem, talvez um pouco mais do que em um neurologista comum.

O interesse de Freud pelo estudo neurológico das crianças, mais especificamente, pelas neuropatologias dos lactantes, dura um longo tempo e só começa a se encerrar, de um modo imprevisto, em dezembro de 1885, durante sua estada no Salpêtrière, quando Freud, embora tendo elegido uma questão relativa a atrofia e degenerações dos cérebros de crianças neuropatas como seu único assunto a ser estudado teve que mudar de rumo. Os ecos desses estudos, entretanto, poderão ser escutados nos seus escritos posteriores.

No Salpêtrière, meu trabalho assumiu uma forma diferente daquela que eu, de início tinha estabelecido para mim mesmo. Eu havia chegado com a intenção de fazer de uma única pergunta objeto de uma cuidadosa investigação. E como, em Viena, o assunto eleito por mim eram os problemas anatômicos, tinha escolhido o estudo das atrofia e das degenerações secundárias que se seguem às afecções secundárias do cérebro das crianças (FREUD, 1988f, p. 24).

Freud chega a assumir em seu relatório final dos estudos desenvolvidos na Salpêtrière, a afirmação de Charcot de que: “o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa [...]” (FREUD, 1988f, p. 45). Embora tenha escrito isso, logo que retorna de Paris, Freud ainda aceita ocupar o cargo de diretor do departamento neurológico do primeiro instituto

público para enfermidades das crianças de Viena, desenvolvendo ali plena atividade de cunho neurológico. Isso pode demonstrar que não houve da parte de Freud uma filiação imediata às idéias de Charcot, nem uma ruptura brusca com a neurologia. Mas indica sim o prenúncio de uma ruptura que iremos observar mais claramente no estudo crítico sobre afasias.

Nos dois anos subseqüentes a seu retorno para Viena Freud parece,, efetivamente, dar fim a esse interesse pela neurologia clássica. Ocupado com as traduções dos livros de Charcot e Bernheim ele publica apenas um único artigo intitulado “Sobre a Hemianopsia na Primeira Infância” (1888), que versa sobre uma hemianopsia observada em duas crianças de dois e três anos, considerado um caso inédito até então.

Na sinopse deste artigo Freud escreve:

Observação do distúrbio em metade do campo visual em duas crianças, uma de vinte e seis meses e outra de três anos e três meses, idade em que o sintoma não fora objeto prévio de registro médico. – Discussão sobre a inclinação lateral da cabeça e dos olhos que seria observada num dos casos, e sobre a localização da lesão suspeita. Ambos os casos devem ser classificados entre as ‘paralisias cerebrais unilaterais das crianças (FREUD, 1988e, p. 217).

Esse período marca as últimas investigações neurológicas de Freud. Como produto delas temos dois livros: “O Estudo Clínico das Paralisias Cerebrais Unilaterais das Crianças” (1891) e “A Interpretação das Afasias” (1891) que, embora, sendo um estudo no campo da linguagem, é considerada a mais importante contribuição de Freud à neurologia, em que pese, nos primeiros dez anos do lançamento deste livro, terem sido vendidos apenas 257 exemplares dos 850 impressos.

O interesse de Freud pelas paralisias e afasias era notável. Segundo E. Jones (1959), Freud chegou a ser considerado a maior autoridade de sua época no

terreno das paralisias infantis; por esse motivo Nothnagel encomendou-lhe um artigo para sua grande enciclopédia de medicina na parte correspondente à paralisia cerebral⁵. Este parece ter sido, com efeito, seu último trabalho *original* de cunho propriamente neurológico, uma vez que continuou escrevendo durante vários anos resenhas e resumos.

Acerca do trabalho de Freud que apareceu em 1897 sobre as paralisias cerebrais infantis, para atender ao pedido de Nothnagel, o neurólogo suíço Brun⁶ (apud JONES, 1959, p.229) afirma: “A monografia de Freud constitui a exposição mais cabal e completa que se escreveu até agora sobre as Paralisias cerebrais [...]”.

O que pretendemos com a introdução desses fatos é apontar alguns antecedentes do trabalho de Freud como neurólogo antes da presença sua ruptura com as concepções neuroanatomicas de sua época. O percurso de Freud, desde o contato com Charcot - conseqüentemente, com a psicopatologia, aponta para essa ruptura que inclui a como elemento fundante e constitutivo da psicanálise. Julgamos necessária uma investigação mais detalhada dos marcos dessa ruptura com uma abordagem puramente orgânica de fenômenos que envolvem o corpo e mais especificamente a linguagem.

Pudemos acompanhar até aqui um pouco da história do trabalho de investigação de Freud como neurólogo, que durou aproximadamente 20 anos, teve início com a investigação das formas mais primitivas do sistema nervoso - mais especificamente, sobre a origem das fibras radiculares sensoriais de animais primitivos,

⁵ Segundo E. Jones, embora tenha sido solicitado um ano antes, esse artigo só ficou pronto em janeiro de 1987.

⁶ BRUN, R. Sigmund Freud's Leistung auf Gebiet der organischen Neurologie. Schweizer Archiv Für Neurologie Und Psychiatrie, v. 37, p. 205, 1936.

as quais emanariam de uma substância reticular no interior da célula nervosa até darem origem a certas células da medula espinhal - e foi até o marco de sua estada em Paris, no Hospice de Salpêtrière, em 1885. Período esse que nos interessa por representar um marco da passagem da neurologia para a psicanálise.

Sabe-se que dessas investigações neurológicas o principal resultado a que Freud chegou, principalmente com o estudo do bulbo raqueano, foi a demonstração das conexões entre as pirâmides posteriores da medula espinhal, as raízes do nervo acústico e o cerebelo. Em segundo lugar, foi que as raízes dos nervos sensoriais cranianos eram homólogas às da medula.

Na interpretação de Jacques Lacan o ideal científico de Freud nesse início – em seu trabalho de anatomia patológica e fisiologia anatômica – era o de investigar como funciona e descobrir para que serve o sistema nervoso, era uma atitude dos médicos de sua época com relação ao corpo, a de um homem desmontando uma máquina. Segundo Lacan (1985) o corpo é tomado por máquina. A máquina é tomada como metáfora do corpo porque, para Lacan, é do surgimento da máquina, dessa coisa que, segundo ele, pode encarnar em sua potência algo de inteiramente humano, que surge a noção de energia com a qual Freud irá trabalhar, posteriormente, em toda a sua obra. Acerca desse trabalho posterior de Freud Lacan (1985, p.100) afirma:

A biologia freudiana não tem nada a ver com a biologia. Trata-se de uma manipulação de símbolos no intuito de resolver questões energéticas, como manifesta a referência homeostática, a qual permite caracterizar como tal não só o ser vivo, mas também o funcionamento de seus mais importantes aparelhos. É em torno desta questão que gira a discussão inteira de Freud - energeticamente, o que é o psiquismo? É aí que reside a originalidade do que em sua obra se chama o pensamento biológico. Ele não era biólogo, não mais do que qualquer um dentre nós, mas realçou a função energética em toda extensão de sua obra (LACAN, 1985, p.100).

Na perspectiva de Lacan as bases dessa a concepção energética estão na abordagem do sistema nervoso, da qual Freud partiu, baseando-se no princípio energético homeostático de que a energia nele contida sempre tende a voltar a um ponto de equilíbrio. Essa concepção era, segundo Lacan, uma linguagem, uma forma de simbolizar o funcionamento do corpo, própria da *episteme* da medicina em exercício na época de Freud.

Seguindo a perspectiva da fisiologia anatômica, o estudar as raízes do nervo acústico é como se Freud pretendesse encontrar o ponto de inserção da linguagem no corpo. Isso parece explicar sua preocupação com algumas conexões nervosas em particular, em especial aquelas do nervo acústico.

De fato, paralelamente aos estudos baseados na psicopatologia, a preocupação de Freud com o acoplamento entre uma reação motora, ou sua falta, e a excitação de um órgão sensorial é expressa nos próprios fenômenos patológicos assim como na forma como eram abordados: paralisias, hemiplegias, hemianestésias, anopsia, surdez, etc. eram examinadas considerando essa conexão estímulo-resposta que tem como base o princípio de retorno ao ponto de equilíbrio do sistema nervoso. Vejamos esse relato que o Freud neurologista (1886) faz ao examinar um paciente:

Quando comprimimos o ponto de saída dos nervos supra-orbital, infra-orbital ou do mento, do lado esquerdo, o paciente volta a cabeça com uma expressão de dor intensa. Podemos, portanto, supor que há uma alteração nevralgica no trigêmio esquerdo. Também a abóbada craniana é muito sensível à percussão na sua metade esquerda. A pele da metade esquerda da cabeça comporta-se, no entanto, de modo muito diferente do que esperávamos: está completamente insensível a estímulos de qualquer espécie. Posso aplicar-lhe alfinetadas, beliscá-la, torcer o lobo da orelha entre meus dedos, sem que o paciente chegue sequer a perceber o contato. Aqui, pois, existe um grau muito elevado de anestesia; [...] Se introduzo um rolinho de papel em seu canal auditivo externo esquerdo e depois em sua narina esquerda, não se produz nenhuma reação. [...] O toque da conjuntiva palpebral e ocular mal produz o fechamento das pálpebras; por outro lado, o reflexo corneano está presente, embora muito reduzido. Aliás, os reflexos conjuntival e corneano do lado direito também estão

diminuídos, embora em grau menor; e esse comportamento dos reflexos é suficiente para me possibilitar a conclusão de que os distúrbios da visão não se limitam necessariamente a um olho (o esquerdo) (FREUD, 1988f, p. 69).

Um artigo em especial, “Algumas Considerações Para o Estudo Comparativo das Paralisias Motoras e Histéricas” demonstra um primeiro momento de perturbação dessa estrutura fisio-anatômica baseada na conexão estímulo-resposta. Nas paralisias o problema energético representa o tema central, ainda que restrito a uma abordagem anatômica.

Nesse artigo Freud inicia por apresentar algumas observações acerca das paralisias motoras orgânicas. Segundo Freud, isso era de aceitação geral, a neurologia clínica de sua época reconhece dois tipos de paralisia motora, segundo a origem da modificação na anatomia no sistema nervoso, paralisia *periférico-medular* ou (bulbar) e paralisia *cerebral*.

A tese que sustenta essa classificação das paralisias é anatômica, está baseada inteiramente numa descoberta da anatomia do sistema nervoso, na qual Freud sempre se empenhou como médico cientista. Essa descoberta consistia na delimitação do trajeto das fibras condutoras da motricidade em duas partes: uma que ia da periferia até as células do corno anterior da medula espinhal e a outra que, do último ponto, ia até o córtex cerebral.

Notemos que até esse momento o corpo é recortado, segmentado em duas partes, segundo a estrutura anatômica e a distribuição energética no sistema nervoso. O que orienta essa delimitação é a hipótese da condução da energia pelas fibras nervosas e a busca da conexão entre as células nervosas, os neurônios, segundo suas funções. Assim, do ponto de vista da clínica médica, na *paralisia periférico-medular* cada músculo pode estar paralisado individualmente, isoladamente, enquanto a

paralisia cerebral sempre afeta um conjunto de músculos, seja esse conjunto um membro, uma extremidade do corpo ou um aparelho motor complexo.

Freud busca a causa das diferenças entre as paralisias periférico-medulares e cerebrais. Ele realiza, desse modo, um movimento em direção às estruturas do córtex cerebral. A questão mais fundamental para ele é explicar o porquê dessa perda que ele chamará de “solidária” do movimento quando não há uma modificação da via propriamente motora. Ou seja, podemos dizer que Freud é agastado por todos esses fenômenos que representam falha das conexões energéticas ponto a ponto, pelo que falta de sistematicidade anatômica no funcionamento do corpo, sobretudo, nos sintomas histéricos.

No estudo de distúrbios de movimento no caso de um homem histérico que sofria de hemianestesia (1886), Freud confirma que a anestesia apresentada pelo paciente indicava a existência de algo mais sutil como causa de tais distúrbios motores: a correção do movimento em alguns casos dependia de que a *atenção* do paciente fosse desviada dos órgãos do movimento. Quanto maior a atenção devotada ao órgão maior resistência a ser vencida para realizar o movimento. Ocorre aqui, portanto, uma perturbação na conexão estímulo-resposta, ou seja, a atenção desempenhava, nesse caso, um papel inversamente proporcional ao controle do movimento do corpo, colocando em cheque a condução dos impulsos da motilidade sem vicissitudes. Assim, Freud chega a um primeiro indício para uma distinção da hierarquia suposta pelos médicos de sua época entre a estrutura anatômica e as funções supostamente relacionadas a ela. Isso remeteu suas preocupações teóricas para os primórdios de uma explicação do psiquismo, que, ao que parece, se apresentou para ele como logicamente necessária. Daquilo que na explicação anatômica falha surge a

necessidade lógica para Freud de construir uma explicação que incluía a representação, mesmo que, inicialmente, buscando as mesmas amarrações lógicas da anatomia. Sua tentativa de resolver tais impasses, embora, repito, ainda preso às mesmas bases epistemológicas, volta-se para a noção de representação no contexto do associacionismo.

Cada elemento da periferia do sistema nervoso corresponde a um elemento da massa cinzenta da medula, que, conforme disse Charcot, é sua terminação nervosa; a periferia, por assim dizer, é projetada sobre a massa cinzenta da medula, ponto por ponto, elemento por elemento. Propus dar à paralisia periférico-medular *détaillée*⁷ o nome de *paralisia em projeção*. Mas o mesmo não se aplica às relações entre elementos da medula e os do córtex. O número de fibras condutoras já não seria suficiente para dar uma segunda projeção da periferia sobre o córtex. Devemos supor que as fibras que se estendem da medula até o córtex não representam mais, cada uma em separado, um elemento único da periferia, e sim um grupo de elementos periféricos, e que até mesmo, por outro lado, um elemento da periferia pode corresponder a diversas fibras condutoras medulo-corticais. O fato é que há uma modificação no ordenamento das fibras no ponto de conexão entre os dois segmentos do sistema motor. Sustento, pois, que a reprodução da periferia no córtex não é mais uma reprodução fiel, ponto por ponto; **que não é mais uma projeção verdadeira**. É uma relação por meio do que se pode chamar de fibras representativas. Para a paralisia cerebral proponho o nome de **paralisia de representação**. (FREUD, 1988f, p. 230-231, grifo nosso).

Tudo parece indicar que Freud há muito começou a ser incitado por alguns fenômenos que não se enquadravam inteiramente na anatomia patológica do sistema nervoso, os quais eram descritos no início como “um modo de reação do sistema nervoso” (FREUD, 1988f, p. 77). Podemos dizer, portanto, que a questão da relação entre o psíquico e o somático preexiste à sua abordagem em si mesmo. Daquilo que claudica no corpo tomado em sua estrutura neural, ou seja, daquilo que falha na abordagem neurofisiológica de sua época, Freud é levado a uma outra concepção de corpo. O ponto de partida para essa mudança de abordagem é o corpo representação,, projeção no córtex cerebral, que não é mais “verdadeira”. Um corpo imaginário.

⁷ Freud chamou a paralisia periférico medular de uma paralisia *détaillée* para diferenciá-la da paralisia cerebral que seria, segundo ele, uma paralisia “*en masse*”.

O que Freud parece ressaltar é que para o córtex cerebral o corpo está para além dessa materialidade anatômica. Podemos concluir que o psíquico, ou como quer que se venha a chamá-lo, nesse momento da elaboração de Freud é uma necessidade lógica de preencher uma falha na simbolização que a episteme médica de sua época elabora para o corpo, ainda que sua intervenção sirva aqui, nesse ponto da elaboração freudiana no qual nos detivemos, apenas para marcar a existência de vicissitudes no percurso energético de um estímulo que se desloca da periferia do corpo como estrutura neural ao córtex cerebral.

O desenvolvimento dessa investigação sobre a genealogia do psíquico depende da insurreição de Freud contra a concepção de corpo de sua época, naquilo em que sua perspectiva inovadora implicaria no enlace essencial entre corpo e linguagem para que, a partir daí, se pudesse pensar num estatuto próprio do psíquico. O trabalho de Freud sobre as afasias representa um avanço considerável nessa questão e uma ruptura com as concepções neuro-anatômicas de sua época.

1.2 O estudo sobre as afasias

O ensaio “A interpretação das Afasias” não foi publicado nas “obras completas” de Freud por determinação do próprio autor. Isso faz dele um texto pouco conhecido por psicanalistas, principalmente, porque Freud o considerava um trabalho neurológico e não psicanalítico. Porém, não se pode dizer, por isso, que foi menos comentado. Uma certa linha de comentários existentes procura enfatizar o surgimento de uma concepção de linguagem circunscrita a uma crítica das concepções neuro-

anatômicas das afasias, demarcando assim um corte epistemológico no campo da neurologia.

O nosso comentário procura seguir essa mesma linha. Adotamos o suposto de uma *não* separação entre o registro corporal e o psíquico na fundação do saber psicanalítico, considerando que Freud realiza a ruptura com a neurologia de sua época, retomando, numa abordagem na qual se insere a linguagem. Mas, para isso, no ensaio sobre as afasias ele dialoga numa perspectiva crítica com várias vertentes da neurologia de sua época até chegar ao campo conceitual inaugurado por Jackson, no qual Freud se apóia para realizar sua ruptura.

O diálogo crítico com a tradição neurológica universitária alemã (Wenicke, Meynert, Lichteim e Grashey) caracteriza a ruptura teórica com a neurologia de sua época. O marco dessa ruptura é a proposição de uma concepção funcional da afasia. O texto de Freud que tem como objeto o estudo crítico das teorias sobre as afasias tornar-se-á paradigmático da ultrapassagem de uma abordagem neuro-anatômica para uma abordagem da metapsicologia⁸ do fenômeno. Procuraremos mostrar, em nosso comentário sobre “A interpretação das Afasias”, que esse fato coloca desde o início um acento de sua metapsicologia numa certa concepção do funcionamento da linguagem.

Freud inicia o texto “A interpretação das Afasias” (1891) com uma aproximação entre o normal e o patológico. Para ele, a parafasia encontrada nos doentes não se distingue dos lapsos de linguagem que podem ser encontrados na fala de uma pessoa normal. Sendo que, segundo ele, as trocas ou mutilações de palavras

⁸ Segundo o “Dicionário de Psicanálise” de E. Roudinesco e M. Plon, metapsicologia é um “termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. A abordagem metapsicológica consiste na elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica. Ela se define pela consideração simultânea dos pontos de vista dinâmico, tópico e econômico” (ROUDINESCO; PLON, 1998. p. 511).

observadas em pessoas normais podem ser causadas simplesmente pelo cansaço ou pela atenção distraída.

Essa abordagem nos deixa entrever que Freud nunca se deixa conduzir unicamente pelos problemas da clínica, pela patologia. Seu interesse filosófico e sua preocupação metodológica em distinguir-se da psicologia clássica conduzem sua pesquisa empírica sempre sob a luz de um problema teórico de fundo. No caso dos textos sobre as afasias, a funcionalidade de cada elemento do que ele chama de “atividade da linguagem” é o que o preocupa. Essa atividade, segundo a epistemologia médica da época, deveria seguir a lógica da localização neuro-anatômica. Ante as contradições na explicação localizacionista para as interrupções do funcionamento da ‘atividade da linguagem’, Freud se propõe a encontrar uma nova explicação.

A medicina da época de Freud compreendia a linguagem como tendo uma origem natural, como um recurso natural do cérebro, enfim, como uma faculdade homogênea. A manifestação de perturbações das parafasias em pessoas normais é, entretanto, um indício para Freud de que havia diversas funções na “faculdade da linguagem”, que esta não formava um todo monóito, vez que algo na funcionalidade da linguagem poderia ser perturbado sem colocar o todo a perder. Por outro lado, na parafasia, Freud encontra os indícios de que, embora algo falhe na linguagem, há uma ligação contínua entre aquilo que falha e o que se pretendia dizer normalmente. *Pena* em vez de *lápiz*, no exemplo do texto das afasias, guarda essa ligação contínua. Freud demonstra assim que adota uma concepção funcional e associativa, em contraposição à concepção puramente anatômica, das parafasias. O que essa nova concepção associativa representa para a possibilidade de pensarmos um enlace entre corpo e linguagem? Essa é uma questão de suma importância para o nosso trabalho e que

tentaremos desenvolver a partir daqui, a começar por essa análise do que Freud pensa sobre o “aparelho de linguagem” no texto sobre as afasias.

No caso das Afasias, entretanto, Freud não encontra a mesma facilidade de explicação encontrada para as parafasias. A contigüidade entre o normal e o patológico não é perceptível. Segundo Freud, há casos de afásicos sensoriais, por exemplo, que em razão de sua dificuldade em reconhecer os sentidos dos símbolos, não estabelecem sequer uma associação plausível entre as sílabas pronunciadas. Apenas em alguns poucos casos (Wernicke) é possível notar algum sentido em raras formações de palavras, a fala fica restrita ao uso de partículas acessórias da língua e/ou ocorrem repetições freqüentes de substantivos e verbos já pronunciados.

Há, portanto, em Freud uma distinção importante entre a caracterização da afasia sensorial em Wernicke como “manutenção do vocabulário com parafasia” e a sua, como “empobrecimento das palavras com abundantes impulsos de linguagem” (FREUD, 1977, p. 37). Se considerarmos o ponto do qual Freud parte a esse respeito talvez possamos situar a base dessa distinção.

Freud inicia, propriamente, seu estudo crítico das afasias com o esquema de Lichtheim⁹. Nele a “fala espontânea” é produzida pela conexão entre as zonas do córtex cerebral e o centro motor verbal, via BM. Para Lichtheim, a *afasia motora transcortical* seria um sinal de interrupção nessa via, o que explicaria porque o falar espontâneo é absolutamente impossível nesses casos. Freud observa, entretanto, em alguns casos, mesmo havendo interrupção nessa via do falar espontâneo, outras atividades como o

⁹ Marsílio Editori, editor do texto “A Interpretação das Afasias” apresenta numa nota de rodapé um resumo do esquema de Lichtheim que passaremos a transcrever: “O esquema de Lichtheim consiste num triângulo sobreposto num retângulo aberto na base; os ângulos do triângulo são indicados com M, B, (no vértice), A, em que M representa o centro motor verbal, B as zonas corticais, A o centro acústico verbal. Veja-se o esquema LICHTHEIM, Über Aphasie. “Deutscher Archiv für Klinisch Medizin”, v. 36; ID., On Aphasia, “Brain”, VII, 1985, p. 436 (N. do E.)” (FREUD, 1977, p. 37).

repetir, o ler em voz alta (ou seja, o falar seguindo os caracteres), etc., se processam sem impedimentos.

Tentamos reconstruir abaixo graficamente o esquema de Lichtheim¹⁰:

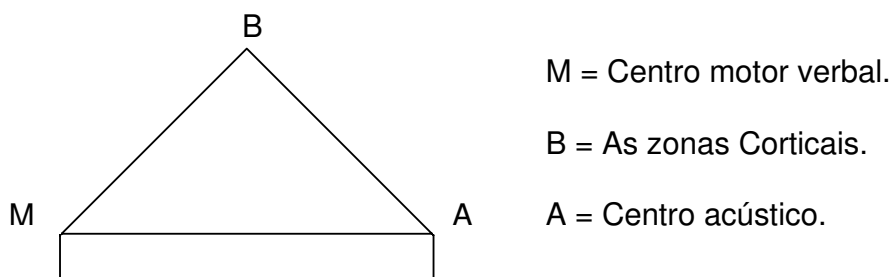


Figura 1 - Reconstrução Gráfica do Esquema de Lichtheim

Freud propõe, portanto, explicar a *afasia motora transcortical* seguindo uma outra tese, eliminando do esquema de Lichtheim a via do falar espontâneo, via BM. No caso que Freud cita - caso de Heubner -, o doente apresenta perturbações tanto de *afasia motora transcortical* quanto de *afasia sensorial transcortical*: o afásico perdeu a capacidade de falar espontaneamente, *mas manteve a capacidade de repetir e de ler em voz alta (conduzido pelos caracteres gráficos)*. Somou-se a isso, entretanto - esse é o dado novo -, o fato de que *ele tinha perdido a compreensão da linguagem*, pelo que não compreendia nem sequer o que lia ou escrevia ou repetia. Segundo Freud, pelo esquema de Lichtheim, esse caso poderia ser explicado por duas lesões nas vias BM - que explicaria a perda da fala espontânea - e BA - que explicaria a perda da compreensão -, que absolutamente não são comprovadas na autópsia. Baseada na observação de Heubner, Freud (1977, p. 38) afirma:

¹⁰ Reconstrução gráfica com base na descrição citada por Freud do esquema de Ludwig Lichtheim médico alemão, 1845-1928.

[...] a lesão na zona motora é demasiado limitada e insignificante para a ela se poder atribuir a considerável e profunda perturbação da linguagem. [...] se tivesse provocado perturbações, estas ter-se-iam verificado quer no repetir quer no falar.

Restaria a Freud, ainda que supostamente utilizando-se da abordagem localizacionista, explicar o caso do afásico de Heubner por uma lesão na zona sensorial observada na autópsia, que provocou, de maneira surpreendente, também a interrupção da “linguagem espontânea”. Mas para não ficar apoiado apenas nesse caso, para reforçar sua hipótese, Freud teve a preocupação de procurar outros casos de afasia motora transcortical, que o levaram a um resultado mais surpreendente. A análise desses casos logo derrubou a sua hipótese de que a incapacidade de falar espontaneamente, quando subsiste a capacidade de repetir, levaria a concluir por uma lesão na zona sensorial: “[...] este sintoma característico da afasia motora transcortical encontra-se também nos casos de uma doença localizada exclusivamente na região motora” (FREUD, 1977, p. 39).

Isso permite a Freud colocar entre aspas o termo transcortical, já que em Lichtheim ele não significa propriamente uma separação entre as ligações corticais, no seu aspecto funcional. Em Freud é que ele adquire o sentido prioritariamente funcional.

Freud afirma, ainda, que em apenas um dos casos a lesão localizava-se na via BM o que indica que os demais casos continuariam por contradizer também a teoria de Lichtheim da interrupção dessa via. Segundo Freud, embora sua hipótese seja objetável, a substituição do esquema de Lichtheim por uma hipótese mais sólida, por si só representou um avanço na interpretação das afasias. O estudo crítico dos casos clínicos de Lichtheim, Farge, Heubner, Magnan e Hammond, dentre outros, permitiram a Freud explicar essas perturbações da linguagem pela hipótese de uma modificação

do estatuto funcional e não como a interrupção localizada de uma via, isso significou colocar a hipótese da localização em segundo plano:

No que se refere à chamada afasia motora transcortical deve em todo caso considerar-se demonstrado que a sua existência não constitui nenhuma prova a favor de uma via BM para o falar espontâneo. Esta forma de perturbação da linguagem provém ou de lesões das zonas sensoriais da linguagem ou de particulares condições patológicas da motilidade pelas quais o centro motor da linguagem é levado a um estado funcional reduzido em relação ao normal (FREUD, 1977, p. 42).

Mas, a idéia de uma redução do “estado funcional” de “um centro motor” seria uma demonstração cabal de que Freud pensava a relação entre os “centros” sem considerar a localização?

Estamos no início de um longo processo do desenvolvimento dessa questão para a qual ainda não devemos esperar uma resposta cabal.

Freud está, nesse momento, apoiado em Charlton Bastian. Com ele, Freud afirma que a redução da funcionalidade de um “centro” é diretamente proporcional à redução de sua excitabilidade, sem cujos estímulos o “centro” não poderia reagir. Desse modo é que, para ele, sendo o “centro motor” sempre excitado através da “associação” com o centro sensorial acústico, a causa da modificação da excitabilidade na afasia motora transcortical pode residir tanto no centro sensorial como no centro motor. Sua ocorrência depende de que apenas um dos “centros” não reaja ao “estímulo voluntário”.

O que chama a atenção de Freud, nesses casos, é a manutenção da capacidade de repetir, disso que é mais automático, ou seja, a persistência da “associação” nas afasias motoras transcorticais:

A hipótese pela qual nos decidimos, acompanhando também Bastian, parece-nos conseqüente em relação à constatação de que a capacidade de repetir persiste sempre mais longamente que o falar espontâneo. Encontraremos mais adiante alguns fatos que nos demonstrarão como a atividade associativa de um centro se perde menos facilmente que a chamada atividade 'espontânea' (FREUD, 1977, p. 43).

A partir daí, é cada vez maior a importância que Freud atribui ao dano funcional; isso indica a importância da “atividade associativa” na explicação das perturbações da linguagem. Apresenta casos de *afasia motora transcortical* que surgem tendo como causa um dano puramente *funcional*, sem qualquer lesão orgânica, bem como reconhece que há toda uma série de lesões orgânicas em afasias motoras cujas *manifestações* se dão necessariamente por perturbações funcionais. Ainda que, para Freud, esses últimos casos ocorram em menor número.

Desse modo, podemos observar que a associação passa, ela própria, a explicar a falta de conexão anatômica entre os centros nervosos. Quanto a isso Moraes (1999) esclarece que Freud não critica a noção de localização como um todo. Sua crítica recai sobre a localização “pontual”, anatômica, da função da linguagem. Como alternativa teórica Freud propõe a existência de um campo complexo de associações que chamará de aparelho de linguagem (MORAES, 1999, p. 7). Ante a impossibilidade de conexão anatômica entre os centros nervosos Freud levanta a hipótese de sua existência pela via de uma concepção de associação que, por sua vez, implica a noção

de representação (*Vorstellung*).¹¹

Para demonstrar sua hipótese associacionista Freud vai mais além, apresenta dois tipos desses casos: primeiro, as afasias motoras em que a lesão orgânica parcialmente destrutiva atinge uma das partes do “aparelho”¹² sem haver qualquer alteração no aspecto funcional das outras partes, mas tão somente daquela parte atingida; segundo, as afasias nas quais, mesmo que o “aparelho” atingido sofra apenas uma lesão orgânica destrutiva parcial, ele reage como um todo, de maneira “solidária”, apresentando um enfraquecimento de sua função. Para Freud – é preciso que o leitor de Freud fique atento à sutileza de seu raciocínio -, este último é, portanto, o modo como o “aparelho da linguagem” em todas as suas partes responde a uma *lesão não destrutiva* (funcional), ou seja, reage da mesma maneira que a uma lesão

¹¹ A tradução do termo “*Vorstellung*” é bastante problemática. Para ilustrar encontramos a seguinte nota do editor inglês da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: “[...] Não obstante, temos de necessariamente permanecer na incerteza onde há uma questão da escolha precisa de termos por Freud. Para tomar um exemplo de uma das dificuldades: o termo ‘concepção’ é repetidamente utilizado nos parágrafos 2 a 5. Estaríamos inclinados a supor que Freud tivesse em mente a palavra alemã ‘*Vorstellung*’, que é geralmente vertida nesta tradução pela palavra inglesa ‘*idea*’ [‘idéia’]. E, de fato, ‘*Vorstellung*’ é a palavra empregada, nos lugares correspondentes, na tradução alemã. Ao final do sétimo parágrafo e no oitavo, a palavra ‘*idea*’ aparece no texto inglês, e a palavra correspondente no alemão é ‘*Idee*’. Mas, no décimo e décimo primeiro parágrafos, onde mais uma vez encontramos o inglês ‘*idea*’, a tradução alemã é quase sempre ‘*Gedanke*’ [que geralmente traduzimos como ‘thought’, ‘pensamento’], mas num dos lugares, ‘*Vorstellung*’ (FREUD, 1988, p.14.) Resolvemos adotar em nosso trabalho o termo “representação” para traduzir “*Vorstellung*” por duas razões: 1) No texto “A Interpretação das Afasias”, publicado em Portugal, o termo é traduzido diretamente do alemão para o português europeu como “representação”, da mesma forma que *Objektvorstellung* é traduzido por “representação do objeto” e *Wortvorstellung* como “representação da palavra”. Esse texto balizará boa parte de nosso trabalho. 2) Luiz Alfredo Garcia Rosa, em “Artigos de Metapsicologia 1914-1917: narcisismo, pulsão recalcada, inconsciente”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p- 242-250 (Introdução à Metapsicologia Freudiana, vol 3) realiza uma longa discussão sobre o assunto e indica que o termo *Vorstellung* diretamente do alemão para o português deve ser vertido como “representação”, assim como *Objektvorstellung* por “representação-objeto” e *Wortvorstellung* como “representação-palavra”.

¹² O sentido do termo “aparelho” utilizado por Freud advém da Anatomia, diz respeito a uma estrutura que é composta de um grupo de órgãos que agem em conjunto visando cumprir uma função especial. Mas aqui ele parece começar a adquirir um outro sentido, mas que trás do seu sentido original a concepção totalizante e holista. Freud retira dessas características do termo a possibilidade de seu emprego. O que o transformará, genealogicamente, no ponto de partida do que se transformou depois em aparelho psíquico.

parcialmente destrutiva (orgânica), com uma perturbação funcional, de maneira solidária.

Antes de desenvolver inteiramente essa questão Freud retoma uma outra; ele se pergunta porque a afasia sensorial que representaria uma lesão (orgânica) na via BAM, não é *sempre* acompanhada de uma perda no falar espontâneo, já que, do ponto de vista da concepção de linguagem adotada, o “falar espontâneo” procederia do centro verbal acústico (A)

Como explicar essa contradição: ocorre lesão que envolve o centro verbal acústico e não há perda do “falar espontâneo”? Freud recorre ao caso de Grashey¹³, cujo paciente apresentava sintomas da chamada “afasia amnésica”. A particularidade desse caso, segundo Freud, residia na dificuldade em relacionar a afasia amnésica com os tipos de perturbações da linguagem que podiam ser caracterizados pela *interrupção de uma via*.

A explicação que Grashey dá, inicialmente, para esse sintoma é a de que as vias das imagens acústicas para as objetais estão interrompidas. Essa linha de raciocínio, obviamente, repousava nas mesmas bases localizacionistas de Lichtheim. A peculiaridade que, contudo, Freud vê em Grashey está na atitude deste último em substituir sua própria hipótese da interrupção das vias de ligação por uma ulterior explicação de caráter funcional, decorrente da observação de que os centros que se

¹³ Segundo a descrição que Freud faz do caso, o paciente apresentava: “uma evidente incapacidade de manter durante muito tempo firmes ‘imagens objetais, imagens acústicas e símbolos’(...). Se, depois de lhe ter mostrado um objeto que ele tivesse reconhecido, alguém o convidava a tocar no objeto que lhe tinha sido mostrado, verificava-se que, entretanto, ele se esquecera de que objeto se tratava; se, depois de lhe ter sido dita uma palavra, alguém o distraía com outra e depois se lhe pedia para repetir a primeira, acontecia sempre tê-la esquecido e recordar-se apenas da última, e assim por diante. Também não estava em condições de reunir num todo e captar como um todo ‘imagens objectuais, imagens acústicas, imagens táteis e símbolos’ surgido numa sucessão e com intervalos relevantes” (FREUD, 1977, p. 48).

encontravam aparentemente normais em seu aspecto anômico estavam “notavelmente perturbados em suas funções” (GRASHEY apud FREUD, 1977, p. 48).

O ponto de investigação de Grashey será, a partir daí, a *percepção* ou o comprometimento desta. Assim, ele passa a explicar a impossibilidade de seu paciente de relembrar as imagens acústicas, de associá-las e de reconhecer caracteres escritos, bem como, por outro lado, sua capacidade de reconhecer objetos, relacionando a duração dessa percepção de objetos à duração da percepção de imagens acústicas.

Segundo Freud, a hipótese de Grashey é de que seu paciente não consegue fixar as palavras escritas ou faladas, conquanto consiga fixar as imagens objetais, porque o tempo necessário para a percepção da imagem objetual é bastante inferior ao necessário à percepção das imagens acústicas. Dessa maneira uma imagem objetual poderia ser percebida na duração da percepção de uma imagem acústica, mas a recíproca não seria verdadeira¹⁴.

Freud explicaria o caso de Grashey, inicialmente, negando o poder explicativo de sua teoria da redução geral da duração das impressões sensoriais. Freud procura atribuir a esse caso, em parte, uma perturbação localizada - teoria da localização – relacionada ao centro das imagens acústicas, para a qual ele pressupõe uma reação de modo solidário dessa parte do aparelho da linguagem; noutra parte, relaciona o caso ao “segundo grau de excitabilidade reduzida” de Bastian, teoria funcional à qual, já dissemos, Freud aderiu. Em suma, mesmo diante de uma hipótese

¹⁴ Essa diferença na duração da percepção de uma imagem acústica e de uma imagem objetual parece ser compartilhada por Saussure quando este, no Curso de Linguística Geral, justifica o privilégio da escrita em relação à fala pelo maior período de duração, na memória, de uma impressão visual em relação a uma impressão auditiva ou acústica. J. Lacan faz uma breve referência a isso no “O Seminário, Livro 3: As Psicoses” onde aponta os avanços, mas também a insuficiência radical das teorias que pretendem dar conta da fenomenologia da imagem e da imaginação, uma vez que, segundo ele o mundo pré-consciente, embora se inscreva numa estrutura de linguagem, guarda suas vias próprias, suas comunicações particulares.

que privilegia a percepção em detrimento da localização, Freud prefere aquela que o leve, pelo desvio de uma concepção energética, ao bom caminho da “associação”.

Talvez tenhamos aqui uma demonstração suficientemente clara de como em Freud o início da explicação do funcionamento do aparelho psíquico envolve a linguagem. A finalidade de Freud no texto que ora analisamos é, verdadeiramente, o de resolver questões energéticas do funcionamento do “aparelho da linguagem”. Negando o esquema localizacionista de Lichtheim como um modelo eficaz para a explicação das afasias, não deixa de utilizar a manipulação dos símbolos do esquema deste último para, a partir deles, elaborar sua explicação das afasias que ele próprio chama de “logística”. Se perguntarmos que sentido Freud pretendeu dar para seu trabalho com essa denominação, talvez tenhamos que considerar as conexões entre os aspectos energético e funcional de sua teoria para encontrarmos uma resposta.

Para Freud (1977, p. 53), o caso de Grashey pode ser explicado do seguinte modo:

[...] um centro já não consegue acompanhar o normal estímulo ('voluntário') mas está em condições de funcionar por associação e por um estímulo sensível. No caso de Grashey, o centro das imagens acústicas já não pode ser excitado diretamente pelas associações objetuais mas permite ainda a transmissão do estímulo à imagem lida e associada à imagem acústica. Desta podem ser reconhecidas a primeira (uma letra) no momento em que atua o estímulo proveniente do objeto visto, e com a repetição deste processo, todas as partes; as letras da imagem lida, uma vez recolhidas, despertam portanto a imagem acústica que não podia ser despertada a partir das associações objetuais.

É a partir da explicação dessas vicissitudes no percurso das associações no interior do funcionamento do “aparelho da linguagem” que se inicia uma demarcação da abordagem das afasias que poderíamos chamar de freudiana. Vê-se, entretanto, que ele vai passo a passo trilhando caminhos sinuosos. Freud tenta, inicialmente, se distinguir do “erro de princípio”, segundo ele, cometido por Wernicke, em procurar

localizar, ou seja, supor uma relação entre um elemento psíquico - uma “representação sensorial” ou uma “imagem mnésica” – e uma terminação, no cérebro, do nervo periférico que recebera a impressão, de cuja terminação esse elemento psíquico seria a insígnia. Segundo essa perspectiva, que teria em Wernicke seu principal defensor, da qual Freud pretende se distinguir, a “representação” é um correspondente psíquico da “célula nervosa”, enquanto um efeito da modificação fisiológica produzida no cérebro pela outra modificação fisiológica sofrida pelas fibras nervosas periféricas com a excitação sensorial. Essa não é e nunca foi, mesmo nessa época, a concepção de memória em Freud. Ele já tinha estado siderado o suficiente pelos fenômenos do corpo em sua clínica, para apostar nessa hipótese.

Freud utiliza um argumento lógico muito simples para combater a idéia de Wernicke: para ele, se a terminação nervosa e o elemento psíquico fossem semelhantes, fundamentalmente não precisaria substituir-se uma coisa pela outra. Não seria preciso, por exemplo, trocar-se o dano físico pelo dano psíquico na explicação das perturbações de linguagem, pois um seria suficiente para explicar o outro. Dessa forma, a principal conclusão a que Freud chega nesse aspecto é a de que não há uma relação de causalidade entre o somático e o psíquico:

Verossimilmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso, não está em relação de causalidade com os processos psíquicos [...] O que é pois o correspondente fisiológico da simples representação ou daquela que se apresenta em seu lugar? (FREUD, 1988f, p.56-57).

A forma como Freud tenta responder a essa questão é a marca do contorno que foi dado a sua elaboração teórica:

Evidentemente, nada de quiescente, mas algo da natureza de um processo. Esse processo traz justamente a localização; parte de uma área particular do córtex encefálico e a partir daí difunde-se por todo o córtex encefálico ou ao longo de vias particulares. Uma vez passado, este processo deixa no córtex encefálico que investiu uma modificação, a possibilidade da recordação. É extremamente duvidoso que a esta modificação corresponda também algo de psíquico; a nossa consciência não apresenta nada que possa justificar do lado psíquico o nome de 'imagem mnésica latente'. Mas de cada vez que é novamente excitado este estado do córtex, o psíquico apresenta-se de novo como imagem mnésica. [...] A localização do correspondente fisiológico é portanto a mesma para representação e associação e já que a localização de uma representação não significa mais que a representação do seu correspondente, temos de evitar colocar a representação num ponto do córtex encefálico e a associação num outro ponto. Mas ambas procedem de um mesmo ponto e nunca se encontram em estado de repouso (FREUD, 1977, p. 57-58).

A partir daí, Freud pode apresentar no seu estudo sobre afasias uma visão de como esse processo energético se dá na e pela linguagem: “[...] a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual as associações e as transmissões em que se apóiam as funções da linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível” (FREUD, 1977, p. 62)

Como fica evidente, para Freud não há uma relação de causalidade entre o somático e o psíquico, mas sim o que chama de “paralelismo psicofísico”. As funções psíquicas se apóiam em processos fisiológicos que se estruturam como um complexo de transmissões e associações. A complexidade das associações e transmissões desse processo - que em si também se estrutura como linguagem - é de tal monta que Freud admite ser pouco compreensível.

Lacan (1988) demonstra estar inteiramente de acordo com Freud ao afirmar que embora se possa reconhecer avanços, as teorias sobre o funcionamento dos fenômenos da linguagem, de como tais elementos imagéticos se associam, são radicalmente insuficientes. Uma vez que, segundo ele, o mundo pré-consciente, embora

se inscreva numa estrutura de linguagem, guarda suas vias próprias, suas comunicações particulares.

Freud tenta encontrar um modo de inscrever os fenômenos do funcionamento psíquico numa estrutura de linguagem, mas guardadas as implicações das transmissões de cargas energéticas nesse processo, daí chamar essas explicações de “logísticas”. No que diz respeito ao aparelho da linguagem, consideradas essas premissas, se pode supor que, a partir desse momento, Freud tenha construído o instrumental teórico para *sua* interpretação das afasias.

É preciso, por isso, que Freud crie uma nova linguagem: os chamados “centros” são definidos como “ângulos do campo da linguagem” (FREUD, 1977, p. 63). Chega-se a uma concepção desse “aparelho” cuja unidade, segundo Freud, é a “[...] ‘palavra’, uma complexa representação que se apresenta composta de elementos acústicos, visuais e cinestéticos” (FREUD, 1977, p. 67). Os componentes da “representação-palavra” são encontrados e as supostas falhas no funcionamento do aparelho da linguagem que não tinham explicação na anatomia cerebral agora poderiam ser entendidas a partir do chamado “processo associativo”.

A ‘imagem acústica’, a ‘imagem visual de uma letra’ a ‘imagem motora da linguagem’ a ‘imagem motora do escrever’. Esta composição resulta mais complexa se nos pomos dentro do verossímil processo associativo no decurso de cada uma das atividades da linguagem (FREUD, 1977, p.67).

Essa “complexa representação” da palavra, segundo Freud (1977), depende de um intrincado processo associativo que envolve componentes específicos para cada “atividade da linguagem”, a saber:

- 1) falar = “imagem acústica” + “imagem motora da linguagem”,
- 2) “repetir” = “imagem acústica” + “imagem acústica” original

3) soletrar = “imagem visual das letras” + “imagem acústica”

4) ler = “imagem visual das letras ” + “imagem motora da linguagem” + “imagem acústica.

5) escrever = imagem visual das letras + “imagem motora do escrever”

Nesse aspecto, a perturbação da associação desses componentes de linguagem representaria o que Freud chama de “afasia verbal”.

Freud elabora um esquema do que poderíamos chamar de estrutura associativa da linguagem que, segundo ele, “[...] prescinde das mais precisas relações de disposição anatômica” (FREUD, 1988f, p. 74). Nele os *centros* da linguagem deixam de ser representados e ele passa a considerar os “*campos* corticais”, “entre os quais ocorrem as associações da linguagem” (FREUD, 1988f, p. 74).

Isso pode ser observado desde os primórdios da elaboração freudiana. A afirmação de Charcot de que a lesão histérica seria de natureza cortical, mas uma lesão puramente dinâmica ou funcional, segundo Freud, serve apenas para afirmar que nenhuma modificação do tecido cerebral seria encontrada *post mortem*. Vejamos o que ele define como lesão dinâmica:

Tomarei a expressão ‘lesão funcional ou dinâmica’ no seu sentido próprio, isto é, ‘modificação na função ou na dinâmica’ – modificação de uma propriedade funcional. Exemplos de modificação dessa espécie seriam uma diminuição na excitabilidade ou numa qualidade fisiológica que normalmente permanece constante ou varia dentro dos limites fixos (FREUD, 1988f, p.241).

Para demonstrar que a noção de processo associativo pode ser aplicada à constituição do corpo e à compreensão de sua funcionalidade Freud passa definitivamente à psicologia e se apóia em M. Janet para sustentar a hipótese de que o corpo de que se trata na histeria não é mais o corpo anatômico, mas trata-se de uma “*Vorstellung*”:

Na paralisia histérica o que está em questão é a representação [Vorstellung] corrente, popular dos órgãos do corpo em geral. Essa representação [Vorstellung] não se fundamenta num conhecimento profundo de neuroanatomia, mas nas nossas percepções tácteis, e principalmente, visuais (FREUD, 1988f, p. 241).

A dita lesão funcional ou dinâmica própria da histeria dessa forma poderá ser tão somente uma modificação dessa representação (*Vorstellung*),

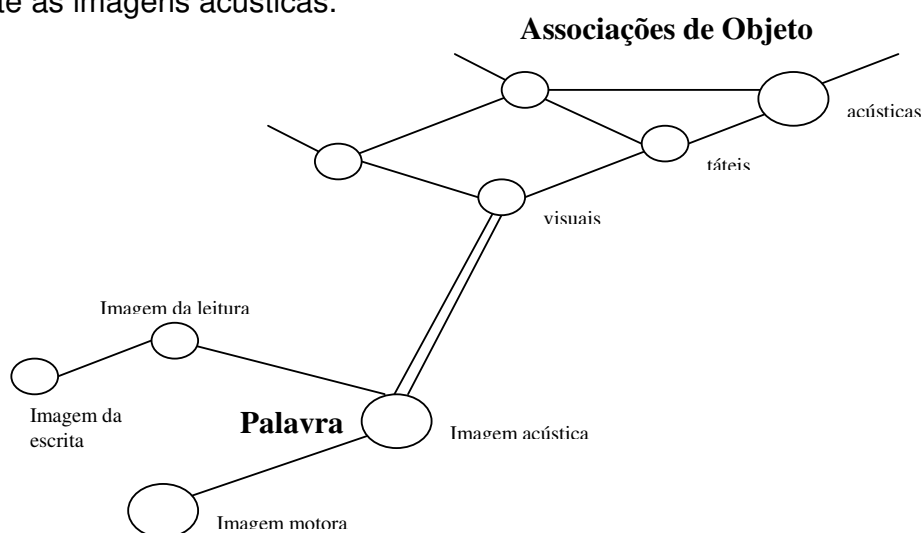
Considerada do ponto de vista psicológico, a paralisia do braço consiste no fato de que a representação [Vorstellung] do braço não consegue entrar em associação com outras idéias constituintes do ego, das quais o corpo da pessoa é parte importante (FREUD, 1988f, p. 242).

A lesão dinâmica ou funcional, portanto, seria a abolição da acessibilidade associativa da representação de um membro, ou outra parte qualquer do corpo.

Qual a semelhança entre essa explicação e aquela dada pela anatomia clássica? Defendemos a tese de que o modelo epistemológico associacionista tem como ponto de partida o modelo epistemológico da anatomia. Freud rompe com ambos os modelos para construir uma nova concepção funcional baseada na representação. e que envolve uma discussão sobre o ser da linguagem. Da busca pelas conexões anatômicas e de seu malogro na histeria chega-se a uma explicação rompe com a explicação anatômica ao nível do funcionamento psíquico, o que quer dizer da estrutura da linguagem. O modelo energético orienta a busca dessas conexões associativas no intuito de explicar o funcionamento do corpo histérico. A noção de associação vem representar, portanto, na obra de Freud não apenas uma descontinuidade com o modelo biológico anatômico, mas um avanço do funcionamento de um princípio puramente energético para o campo metapsicológico, no qual adquire o seu caráter mítico, portanto simbólico.

Não nos parece absurdo, portanto, supor que o corpo humano tenha sua estruturação dependente da estrutura da linguagem. A estrutura associativa complexa da palavra a que Freud chega aponta para isso. Sabe-se que Freud distingue nesse intrincado processo associativo dois complexos de representação, a representação-palavra e a representação-objeto. O complexo associativo da representação-objeto, segundo a perspectiva filosófica de Freud não compreende apenas as impressões sensoriais obtidas (visuais, acústicas táteis, cinestéticas, etc.) que perderia suas propriedades se não incluíssemos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa (MILL apud FREUD, 1977, p. 71).

Freud (1977, p.71) está formulando com base nas perturbações da linguagem a seguinte tese: “a representação-palavra está ligada à representação-objeto com sua terminação sensorial (mediante imagem acústica)”. Baseados nessa tese de Freud e tomando-a, por assim dizer, pelo avesso supomos que o corpo do homem, enquanto um complexo de representações-objeto, constitui a organização de funções mediante as imagens acústicas.



Fonte: FREUD, 1977.

Figura 2 - Esquema psicológico da representação da palavra

O fato de existir um corpo real anatômico, com estruturas e conexões anatômicas, não o faz prescindir da estrutura simbólica da linguagem para que adquira sua funcionalidade. O fato de o sintoma corporal na histeria, produzido e esvaecido a partir dessa estrutura simbólica da linguagem, assim o atesta.

Essa nossa constatação sobre a elaboração de Freud parece estar de acordo como o que afirma Joel Birmam (1993) sobre a influência do pensamento de H. Jackson na interpretação que Freud realiza sobre as afasias. Segundo Birman (1993), podemos encontrar alguns pressupostos do pensamento neurológico de Jackson que são determinantes para Freud.

O primeiro e mais importante é o primado do holismo em relação à perspectiva atomista da neurologia clássica. Segundo essa perspectiva é impossível decompor analiticamente uma função neural e um comportamento qualquer em diferentes partes, uma vez que o todo não equivale à soma das partes. Para Jackson as funções e os comportamentos são totalidades organizadas, dessa forma, as funções superiores, como a função da linguagem, não podem estar baseadas em simples conjuntos de elementos biunivocamente relacionados.

Complementarmente a essa perspectiva holística Jackson adota uma concepção evolutiva do sistema nervoso. Segundo Birmam (1993), na concepção holística e evolutiva de Jackson estaria os fundamentos da passagem de Freud da abordagem *localizacionista* então dominante no campo da afasia, bem como de uma concepção puramente funcional, para apontar a necessidade da formulação de uma teoria anatomo-funcional, onde o funcional fosse a instância reguladora do registro anatômico:

Nessa concepção holística e evolutiva, o funcionamento nervoso atravessaria diferentes níveis na história do indivíduo, cada um deles estruturado como totalidade. Assim nos níveis iniciais e mais primários do funcionamento neural já existiria uma organização totalizada que funcionaria de maneira *automática*. Porém, na medida em que a evolução do psiquismo continua se processando. Porém, a medida em que a evolução do organismo continua se processando, o funcionamento neural tende a perder progressivamente o seu automatismo, de forma que a organização de qualquer função nervosa e psíquica pode se romper com mais facilidade (BIRMAN, 1993, p. 64).

O que, segundo Birman (1993), representa uma inovação teórica introduzida por Jackson é que essa evolução tem a forma de um espiral, passa-se sempre de uma totalidade a outra, de um nível mais automático para um nível mais livre, de forma que a desintegração de uma função nervosa não produz a fragmentação em elementos, mas um outro nível de estruturação, o princípio de totalidade da estrutura fica mantido.

Ainda segundo Birman (1993, p. 65), a outra inovação metodológica de Jackson no estudo das afasias adotada por Freud foi colocar o ser da linguagem no escopo de sua investigação:

Para Jackson, seria preciso considerar individualmente as emissões lingüísticas dos afásicos, de maneira que o pesquisador pudesse depreender por que em tal afásico os enunciados são esses e não outros. Preocupava-se de fato com a constituição dos enunciados e com a especificidade dos distúrbios da linguagem na afasia.

A partir da articulação dessas duas teses inovadoras Freud pôde se apoiar para desenvolver o que seria sua interpretação das afasias. Dando ênfase ao discurso do paciente, ressaltando a questão da sentido em oposição ao não sentido na análise dessas proposições, pôde introduzir definitivamente o funcionamento da linguagem na explicação das afasias como um elemento fundamental e não apenas como um epifenômeno.

A linguagem passa a ser considerada um fundamento rigoroso na explicação de fenômenos que eram tomados como eminentemente anatômicos. A partir desse avanço de Freud, as funções corporais passam a ter na linguagem um referencial teórico fundamental.

CAPÍTULO II

2 UM CORPO IGNORADO E O OUTRO

2.1 A perda da fala na histeria

Para Freud, os fenômenos histéricos no corpo, da mesma forma que as afasias não orgânicas, não levam em conta a estrutura anatômica do sistema nervoso. Um sintoma histórico se apresenta numa parte do corpo independentemente de sua organização anatômica. Ocorre aí uma mudança fundamental na elucidação de funcionamento do corpo, que passa a ser explicado, paralelamente ao modelo de uma estrutura anatômica, por processos excitatórios do aparelho psíquico. Freud nunca deixa de ser fiel a sua abordagem energética. Há, para ele, uma série de fenômenos patológicos cujas manifestações podem ser físicas ou psíquicas, mas que podem ter um único modo de explicação:

Alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação. [tais alterações] [...] ocorrem inteiramente na esfera da atividade cerebral inconsciente, automática [...] com um excesso de excitação do sistema nervoso (FREUD, 1988f, p. 95-96).

Em 1888, num artigo que escreveu para a enciclopédia Villaret, Freud afirma que uma histeria é uma neurose e que sendo assim baseia-se apenas em modificações fisiológicas o quer dizer, para Freud, energéticas:

A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso (FREUD, 1988f, p.85)

As afasias históricas teriam, então, essas mesmas características. Mas, dada a impossibilidade de explicar esse jogo de energias por uma suposta “fórmula fisiopatológica” elas são definidas nosograficamente, ou seja, pela totalidade dos sintomas que apresentam. Assim, são apresentadas como um tipo de paralisia motora que se limita a uma determinada parte do corpo, como uma paralisia de membros, por exemplo. A afasia histórica seria um sintoma histórico de conversão motora, como as demais paralisias históricas:

[...] Às paralisias dos membros deve-se acrescentar a afasia histórica, ou mais corretamente, a mudez, que consiste numa incapacidade de produzir qualquer som articulado ou [mesmo] de executar movimentos da fala sem voz. É sempre acompanhada de afonia, que também pode ocorrer isoladamente; nesses casos, a capacidade de escrever é conservada e aumentada. As demais paralisias motoras encontradas na histeria não podem ser relacionadas a partes do corpo, mas apenas a funções, como, por exemplo, astasia, abasia [incapacidade de andar e manter-se de pé]; [...] todas as paralisias históricas distinguem-se pelo fato de que podem ser de maior gravidade, mas ao mesmo tempo, limitam-se nitidamente a uma determinada parte do corpo (FREUD, 1988f, p. 92-93)

No artigo “Algumas Considerações para Um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas” de 1893, Freud afirma que a neurologia clínica reconhece dois tipos de paralisia motora – *paralisia periférico medular* ou (bulbar) – que ocorre no segmento de fibras nervosas que se estende da periferia até as células do corno anterior da medula espinhal - e a *paralisia cerebral* - que ocorre no segmento de fibras nervosas que vai do corno anterior da medula espinhal até o córtex cerebral.

A se considerar a *afasia histórica* tratada por Freud no artigo “Histeria” de 1888, como semelhante aos dois tipos de afasias (verbal e simbólica) descritas no estudo crítico de 1891, todas teriam a mesma explicação, ocorreriam por uma perda associativa, funcional, que ocorre no aparelho da linguagem.

A *afasia histérica* sendo motora, sendo uma paralisia que afeta uma parte extensa da periferia do corpo, um membro, um aparelho motor complexo, etc - difere da paralisia - *periférico-medular*, ou *paralisia em projeção* que pode atingir um músculo ou até uma fibra nervosa isoladamente. Esse tipo de paralisia em massa que Freud denomina de *paralisia em representação* se manifestaria como uma *paralisia cerebral*, atingindo todo um grupo de músculos, ou aparelho, portanto, gera muitas vezes uma perda funcional. Que diferença pode haver entre uma função e uma estrutura muscular e nervosa do corpo?

Para Freud (1988f, p. 232), “a histeria nunca simula paralisias periférico medulares ou paralisias em projeção; as paralisias histéricas somente compartilham as características das paralisias orgânicas em representação”.

No texto “Algumas Considerações Para Um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas” (1993) Freud faz ainda uma comparação entre o sintoma histérico e a lesão cerebral, em especial com a lesão cortical, conforme observado nas afasias verbais e simbólicas. Apresenta, todavia, nesse mesmo texto um argumento que nos permite compreender a distinção entre as afasias que tem correlação com a lesão cortical e afasias histéricas que não apresentam tais lesões. Chega, assim, à conclusão que a principal distinção entre das paralisas histéricas em relação às orgânicas deve-se às seguintes características:

Em primeiro lugar, não obedece à regra, que se aplica regularmente às paralisias cerebrais orgânicas, segundo a qual um seguimento distal sempre está mais afetado do que o segmento proximal. Na Histeria [...] não existe a menor dificuldade em produzir artificialmente uma paralisia isolada da coxa, da perna etc. [...] Quanto a esse aspecto importante, a paralisia histérica é por assim dizer, intermediária entre a paralisia em projeção e a paralisia orgânica em representação. Se não possui todas as características de dissociação e delimitação próprias da primeira, está longe de ver-se submetida às leis estritas que regem a segunda - a paralisia cerebral (FREUD, 1988f, p-232).

Assim, as especificidades das afasias históricas são delimitadas em relação às demais formas de afasia. Podemos dizer que na histeria os sintomas históricos são inteiramente arbitrários, se seguem leis, estas não pressupõem nenhuma relação natural entre os sintomas corporais e sua estrutura anatômica. Podemos compreendê-los como convencionais. Isso remete os sintomas históricos para uma relação, não mais com suas causas internas, mas com uma a ordem simbólica própria que os estrutura. É digno de nota que essa compreensão das coisas já esteja presente em escritos que têm como tema ainda o debate com a neurologia.

Da síndrome da afasia orgânica ela [a histeria] copia a afasia motora, isoladamente; e – algo não existente na afasia orgânica - ela pode criar a afasia total [motora e sensitiva] para um idioma, sem causar a menor interferência na capacidade de compreender e de articular um outro idioma (FREUD, 1988f, p. 233).

Começa a aparecer a partir desse momento em Freud um tema importante, o da divisão da consciência. A conservação, no caso citado acima, de um segundo idioma apesar da deterioração do primeiro é um fenômeno ligado ao que Freud nomeava divisão da consciência. A divisão da consciência se insere como um diferencial importante para se pensar a presença do inconsciente como uma estrutura de linguagem, mesmo que de maneira ainda, por assim dizer, rudimentar. A conservação, no caso citado acima, de um segundo idioma apesar da deterioração do primeiro é um fenômeno ligado esse à divisão da consciência. Veremos, a seguir, as implicações que isso tem no modo de pensar a fala e sua relação com o corpo na histeria.

2.2 O embrião do inconsciente na fala do corpo histérico

Num outro artigo de 1888, anterior ao “Interpretação das Afasias”, Freud afirma que, para Bernheim, autor de “La Suggestion”, tanto a hipnose quanto a sugestão são problemas circunscritos ao campo da psicologia. Para Freud, nessa época, existiam duas correntes opostas que se dividiam segundo os modos de explicar ou de utilizar o hipnotismo. Daremos ênfase àquela representada por Bernheim, que atribui a mesma origem psicológica para todos os fenômenos hipnóticos:

[...] isto é, surgem de uma sugestão de uma idéia consciente, que foi introduzida, mediante uma influência externa, no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se tivesse surgido espontaneamente. Sob esse ponto de vista, todas as manifestações hipnóticas seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões. (FREUD, 1988f, p.126).

A corrente que se opõe a Bernheim, segundo Freud (1988f), defende a tese de que o mecanismo de pelo menos algumas manifestações do hipnotismo se baseia em modificações fisiológicas. Essa corrente fala, portanto, de fenômenos físicos ou fisiológicos da hipnose.

Já na concepção de Bernheim (apud Freud, 1988f) a “idéia” seria despertada pela via de um comando falado do médico, o que iria produzir um efeito psíquico. É importante, porém, frisar que Freud nada havia dito ainda propriamente sobre a relação da fala com o corpo que pudesse explicar a produção de tal efeito. Contrapondo-se a Bernheim, entretanto, Freud opera uma mudança nessa concepção de que o fenômeno histérico seria produzido pelo mecanismo de sugestão por parte do médico. Dessa maneira, passa a privilegiar nos fenômenos histéricos o fato particular de que, embora algo seja introduzido aí de fora, por meio da fala de um outro, isso ocorre desde antes,

na história do sujeito. Diferentemente de Bernheim, ele supunha, apoiado em Hückel (1888), que, no caso de “transfert” (transferência de sensibilidade de uma parte do corpo para a parte correspondente do outro lado) numa histérica, a primeira transferência fora feita em alguma circunstância específica de sua história. A sugestão torna-se, então, algo como um primeiro paradigma da estrutura da fala - na medida em que o sujeito encontra-se sujeitado às implicações da fala do outro - e de sua relação com os processos psíquicos qualitativamente inconscientes.

Nesse momento, Freud é forçado a dar à consciência o estatuto de uma função psíquica que ignora os processos fisiológicos pelos quais é posta a funcionar. Freud ressalta, portanto, que ainda que, na sua estrutura biológica, anatômica e energética, o corpo seja o que faz a consciência funcionar, não deixa de ser por ela ignorado:

Nossa consciência, no entanto, apenas toma conhecimento do resultado final de um movimento; nada sabe da ação e da distribuição anatômica dos músculos isoladamente e nada sabe da distribuição anatômica dos nervos em relação aos músculos (FREUD, 1988f, p.129).

A ignorância da estrutura anatômica do corpo pela consciência estaria, por outro lado, compensada pelo *conhecimento automático* desse corpo-invenção que decorre da associação. Resultante da constituição desse complexo que poderíamos chamar de representação-corpo que se inscreve na memória do sujeito.

Com Lacan (1985), podemos considerar que, assim como a noção de associação, a consciência é uma premissa existente no raciocínio de Freud e que decorre do pensamento de sua época. Segundo Lacan (1985), a instância com que lidamos neste momento da elaboração freudiana é um eu, cuja concepção é pré-psicanalítica, e que é da mesma ordem da consciência. Esse eu é o eu de todos nós. É

desse eu, segundo Lacan, que Freud é forçado a partir.

Desse modo, podemos afirmar que, em Freud, - pelo menos considerado o período de sua elaboração analisado até aqui - essa noção de “eu” é constituída pela *associação* de um complexo de *representações*. A *representação-corpo*, enquanto um subsistema desse complexo, é, portanto, parte do eu consciência, e entra na sua formação através dos processos de associação. A dita lesão histérica seria, portanto, uma supressão da acessibilidade associativa de uma determinada *representação* com as demais representações que constituem o eu consciência. Essa inacessibilidade ao livre jogo das *associações* é explicada como decorrente de um aumento na *quantidade de afeto* que está ligada a uma determinada representação. Chega-se, com isso, a uma hipótese fundamental para se pensar a função fala no tratamento psicanalítico:

Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada carga de afeto (Affektbetrag) da qual o ego se desfaz, seja por meio de uma reação motora, seja pela atividade psíquica associativa. Se a pessoa é incapaz de eliminar esse afeto excedente ou se mostra relutante em fazê-lo, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma e se torna causa de sintomas histéricos permanentes. A impossibilidade de eliminação torna-se evidente quando a impressão permanece no subconsciente. Denominamos essa teoria de 'Das Abreagieren der Reizzuwächse' [Ab-reação dos acúmulos de Estímulo] (FREUD, 1988f, p. 244).

No artigo de Maria Rita Moraes (2003), intitulado “Como a Linguagem Separa a Fala do Corpo”, pudemos encontrar um recorte na obra de Freud, semelhante ao nosso, sobre o que vem a ser o corpo na histeria. Nesse artigo a autora aborda a fala em sua função de produtora e liberadora da associação que enlaça o corpo no sintoma, funções essas que talvez pudessem ser acrescidas de mais uma, a função de velamento, na medida em que a fala serve também para encobrir um conteúdo inconsciente que passa a se expressar no corpo. Essa função de velamento teria correspondência direta com a produção do sintoma. Partindo do fenômeno da divisão

da consciência, assim como nós, a autora destaca em Freud a impossibilidade de o paciente histérico relembrar o evento desencadeador do sintoma, por não ter consciência da associação entre esse evento e o sintoma corporal. Estamos, portanto, de acordo com Moraes quando a autora afirma que Freud opera um deslocamento da função da linguagem:

[...] deixa de ser mero reflexo das funções superiores do pensamento, linguagem para designar as coisas, para ser aquilo que separa o falante do seu corpo. Freud percebe que o sintoma histérico tem relação com as coisas ouvidas, mas a paciente não faz essa relação, porque a lembrança do trauma toma a forma de uma significação que insiste como um corpo estranho, persistindo como saber sobre o qual ela não sabe nada (MORAES apud LEITE, 2003, p. 61).

O “corpo estranho” a que se refere a autora é o que procuramos ressaltar da produção do sintoma pela fala em sua função de velamento.

No artigo denominado “Um Caso de Cura Pelo Hipnotismo”, de 1992-1993 Freud (1988f, p. 189) supõe ter encontrado um caso exemplar da divisão entre a “consciência do ego” e uma outra que é capaz de se apossar do corpo de uma pessoa como se fora um outro a reinar, num “reino das sombras”. No caso de uma mulher que, quando queria amamentar o seu filho, era impedida de fazê-lo por uma compulsão para lhe recusar o seio.

Freud utiliza-se, como ele próprio diz, de um raciocínio dedutivo: “[...] sou forçado a recorrer à alternativa de deduzir qual teria sido esse mecanismo” (Freud, 1988f, p. 182). A noção de *Gegenwille*, que pode traduzir-se por “contravontade”, vem ao seu auxílio na realização dessa dedução.

Nessa análise, a primeira premissa existente no raciocínio de Freud é a de que na “vida ideativa” há um conjunto de representações que tem uma carga de afeto de expectativa que lhes está vinculado e que estariam divididas em dois grupos

segundo a posição ativa ou passiva do eu frente aos acontecimentos: 1) intenções – seria a representação de uma ação a ser praticada pelo eu; 2) expectativas – seria a representação de uma ação a ser sofrida pelo eu.

A segunda premissa é a de que a quantidade de afeto de expectativa que se vincula à representação depende da importância para o eu e do grau de fraqueza do eu para realizar aquela intenção. Assim, a “contravontade” é resultante de um conjunto de representações contrárias às representações que constituem as intenções do ‘ego consciência’. O eu teria, portanto, a função de “inibir”, “reprimir” as “idéias antitéticas” que o impediriam de realizar uma idéia volitiva. Ambas as premissas colocam a linguagem nessa função dupla apontada no artigo de Maria Rita, a saber, como produtora e liberadora do sintoma corporal a partir do jogo de representações. Com outras palavras, podemos dizer que esses processos associativos próprios do sintoma histérico estão articulados a um jogo de forças estruturadas como e pela linguagem.

Como sabemos, para Freud as impressões sensoriais de um objeto não dão por si suas propriedades, a aparência de uma coisa surge: “[...] apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa” (MILL apud FREUD, 1988f, p.71).

A forma como, em Freud, a representação-corpo encontra-se na dependência de complexo associativo composto pela representação objeto e a representação-palavra que têm como elo a imagem acústica, pode ser antevista já no fenômeno da “divisão da consciência”, na medida em que essa divisão espelha uma divisão estrutural do próprio corpo egóico, por cujo ego é tido como familiar. Ela indica a presença no homem de um corpo outro inconsciente, “corpo estranho” que se

apresenta como linguagem. Segundo Freud, na histeria, esse processo dá-se da seguinte maneira:

[...] em consonância com a tendência à *dissociação da consciência* na histeria, a idéia [*Vorstellung*] antitética aflitiva, que parece estar inibida, é afastada da associação com a intenção e continua a existir como idéia [*Vorstellung*] desconectada, muitas vezes inconscientemente para o próprio paciente. É extremamente característico da histeria que, quando chega o momento de se pôr em execução a intenção, a idéia [*Vorstellung*] antitética inibida consegue atualizar-se através da inervação do corpo, com a mesma facilidade com que o faz, em circunstâncias normais, uma idéia [*Vorstellung*] volitiva. A idéia [*Vorstellung*] antitética se estabelece, por assim dizer, como uma ‘contravontade’, ao passo que o paciente, surpreso apercebe-se de que tem uma vontade que é resoluto, porém impotente. Talvez, conforme já disse, esses dois fatores no fundo sejam um só: pode ser que a idéia [*Vorstellung*] antitética apenas seja capaz de se impor porque não a inibe a sua combinação com a intenção, da forma como a intenção é inibida por ela (FREUD, 1988f, p. 183-184).

Freud afirma que já tinha chegado a essa compreensão antes, num outro caso tratado por ele, desta vez, sem raciocínios dedutivos, mas diretamente na clínica. Esse caso é, particularmente, importante para o nosso trabalho pelo fato de tratar-se de um caso que envolve a fala como sintoma e como liberadora do sintoma. Trata-se mais precisamente de uma paciente que sofria de um estranho sintoma, um “ruído peculiar que, como um *tique*, intrometia-se em sua [da paciente] conversa” (FREUD, 1988f, p.185). Essa paciente, a Sra. Frau Emmy Von N., foi também a primeira paciente que Freud tratou pelo método catártico, pelo menos “extensivamente”, como ele diz. A paciente apresentava gagueira e um estalido produzido com a boca e formado por um grande número de sons:

Colegas meus com experiência em caçadas contaram-me, ao ouvi-lo, que suas notas finais se assemelhavam ao chamado de um grande tetraz-da-serra – de acordo com Fisher (1955), um tiquetaquear terminando num sibilo (FREUD, 1988d, p.80).

Numa primeira versão da paciente, a origem do estalido e da gagueira ligava-se ao momento em que estivera sentada à cabeceira da cama de sua filha, quando esta se encontrava muito doente e desejara ficar absolutamente quieta, mas, contra sua vontade, surge o estalido. Numa segunda versão da paciente, os sintomas surgiram a partir do momento em que esta última passeava com as filhas pela floresta numa carruagem, quando um raio, durante uma tempestade repentina, assustou os cavalos e ela, com receio de assustá-los ainda mais, se impôs ficar absolutamente quieta.

A narração desses acontecimentos pela paciente, através do emprego do método catártico, segundo Freud, aliviara sua gagueira e o estalido. Tais sintomas, entretanto, insistiam em reaparecer sempre que a paciente encontrava-se apreensiva ou assustada. Isso leva Freud a concluir a que se deve o êxito apenas parcial do seu método catártico:

[...] esses sintomas tinham passado a ligar-se não só aos traumas iniciais, mas também a uma longa cadeia de lembranças a eles associadas, que eu deixara de apagar. Essa é uma situação que surge com frequência e que sempre limita a beleza e a completude do resultado terapêutico do método catártico (FREUD, 1988d, p.101).

Vejamos, à guisa de síntese, as primeiras hipóteses com os quais Freud pretende explicar o mecanismo psíquico dos sintomas histéricos naquilo em que eles envolvem a relação corpo/linguagem, como aparecem no “Esboço para a ‘Comunicação Preliminar’”:

a) Teorema referente à constância da soma de excitação (princípio da constância):

O sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, algo que podemos descrever como a ‘soma da excitação’. Ele executa essa precondição da saúde eliminando associativamente todo acúmulo significativo de excitação, ou, então o descarregando mediante uma reação motora apropriada (FREUD, 1988f, p. 221).

a) Hipóteses fundamentais dos mecanismos psíquicos da histeria:

“A lembrança que forma o conteúdo de um ataque histérico não é uma lembrança qualquer; é o retorno do evento que causou a irrupção da histeria – o trauma psíquico” (FREUD, 1988f, p. 219).

A lembrança que forma o conteúdo de um ataque histérico é uma lembrança inconsciente, ou mais corretamente, faz parte do segundo estado da consciência, que está presente, organizado em grau maior ou menor, em toda histeria (FREUD, 1988f, p. 220).

Se uma pessoa histérica intencionalmente procura esquecer uma experiência, ou decididamente rechaça, inibe e suprime uma intenção ou idéia, esses atos psíquicos, em consequência, entram no segundo estado da consciência; daí produzem seus efeitos permanentes e a lembrança deles retorna sob a forma de ataque histérico (FREUD, 1988f, p. 221).

“As impressões recebidas durante estados psíquicos não habituais (como os estados afetivos, estados de êxtase ou auto-hipnose) também entram no segundo estado da consciência” (FREUD, 1988f, p. 221).

b) O teorema que estabelece que os conteúdos dos diferentes estados de consciência não estão relacionados entre si:

[existem] [...] estados peculiares [como cataplexia devida ao susto, estados oníróides, auto-hipnose, e assim por diante], cujo conteúdo não está em conexão associativa com a consciência normal. [...] do mesmo modo que no sonhar e no estado de vigília, um modelo de dois estados que diferem entre si, não estamos inclinados a fazer associações de um estado para o outro, mas apenas associações dentro de cada um deles em particular (FREUD, 1988d, p. 217).

CAPÍTULO III

3 O NASCIMENTO DO CORPOLINGUAGEM NO ALVORECER DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Pudemos ver até aqui que, ciente das limitações da neurologia de sua época, Freud preocupou-se em explicar como operavam os mecanismos que contradizem o funcionamento, por assim dizer, mecânico do corpo. Resultando, assim, dessas próprias limitações, a transformação do seu pensamento de uma abordagem neurológica para uma abordagem do corpo enlaçado pela linguagem. Dessas novas elaborações surgem as primeiras hipóteses de como o corpo em sua constituição e funcionamento é feito de linguagem. A necessidade da compreensão de como operam mecanismos psíquicos que envolvem, por exemplo, a fala e o sintoma corporal na histeria é cada vez mais evidente. Dessa e de outras preocupações clínicas e teóricas resulta a construção de uma teoria metapsicológica mais acabada que podemos ver no “Projeto para uma Psicologia Científica”. Lacan dirá que “o projeto é a primeira Metapsicologia” (LACAN, 1985, p.55).

Como sabemos, apesar de ter sido escrito em 1895, a publicação do “Projeto” só se deu 50 anos depois, quando seu autor já havia morrido. Ocorre, todavia, que no “Projeto”, encontraríamos, a bem da verdade, elaborações primitivas que seriam remanejadas em textos ulteriores, dando origem à teoria propriamente psicanalítica. Devido ao fato desse texto ter permanecido escondido do público – somente seu amigo Fliess teve acesso à época - durante todo o período da elaboração freudiana posterior,

isso o coloca numa condição particular em relação aos demais textos. Porém, é importante também frisar que, embora Freud ainda utilize nele termos caros à neurologia, o “Projeto” é um marco no movimento da sua teorização em direção a uma explicação do psiquismo. Dessa forma, é preciso notar que antes de encontrarmos um Freud tentando resguardar um lugar à neurologia para os fenômenos psíquicos por ele estudados, nos deparamos, no “Projeto”, com um novo e sofisticado projeto teórico artesanalmente elaborado - com as ferramentas de que ele dispunha na época: basicamente, a física mecânica e a neurologia -, cujo esforço prodigioso que empenhou para soerguê-lo tinha como objetivo a explicação do funcionamento psíquico, segundo “uma espécie de economia da força nervosa” (FREUD, 1988f, p. 382).

Nosso trabalho encontra no desenvolvimento da teorização de Freud, na formulação dessa primeira metapsicologia - de natureza fundamentalmente hipotética -, uma renúncia à neurologia, em benefício do que Lacan chama de “mito energético”. O que procuramos por em relevo é o fato de que cabe à linguagem um papel proeminente desde o momento inicial da elaboração freudiana. Corpo e linguagem encontram-se articulados no interior do “Projeto”, tornam-se elementos fundamentais dessa primeira metapsicologia e persistem, em sua articulação, como fontes dos elementos fundamentais da teoria psicanalítica ulterior. O próximo tópico do nosso trabalho será uma tentativa de demonstrar essa afirmação.

3.1 O “Projeto” como uma linguagem do psíquico resultante da descontinuidade do corpo anatômico em relação à consciência

Freud abre o “Projeto” com a afirmação de que sua intenção é “**representar** os processo psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis [...]” (FREUD, 1988f, p. 154, grifo nosso). Essa transcendência do projeto em relação à neurologia tem como corolário o fato de o “Projeto” vir a se edificar com base em dois termos principais que são puras representações de processos inapreensíveis num corpo real, a saber:

- 1) **Os neurônios N** que seriam as frações materiais a que Freud se refere.

Mas o neurônio aqui não como uma coisa concreta, no sentido histológico, mas como aquilo que busca representá-lo, hipoteticamente. No “Projeto” o sistema nervoso é composto de neurônios distintos na função, embora com a mesma constituição, que estão em contato recíproco, formando estratos entre os quais se acham estabelecidas vias de condução que permitem a esses neurônios receberem excitações através de estruturas chamadas dentritos e delas se descarregarem através de um cilindro axial chamado axônio.

- 2) **A quantidade Q** representando uma quantidade de energia modificável e flutuante, mas cuja natureza é desconhecida, esse fluxo é similar ao fluxo da significação, cujo conteúdo real é inapreensível e remete sempre a outro significante.

Assim, partindo dessas duas idéias, Freud estabelece um princípio básico da atividade de *N* em relação a *Q*, o princípio da inércia. Segundo o qual, “os neurônios

tendem a se livrar de Q.” (FREUD, 1988f, p. 404). Mas Freud logo nos diz que esse princípio é quebrado pelos estímulos provenientes do interior do organismo, Q'n, uma vez que o organismo não pode evitá-los. Dessa forma, eles cessam somente por “ação específica”, ou seja, “[...] apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf. por exemplo, a necessidade da nutrição) para efetuar essa ação [...] requer-se um esforço que é independente da Q'n endógena e, em geral maior [...]” (FREUD, 1988f, p. 405).

Conseqüentemente, para realizar tal ação é necessário que o organismo tolere um acúmulo de Q'n que o impulse à realização de uma ação específica, rompendo assim com o princípio da inércia. Segundo Freud, persiste ainda a tendência a manter sempre Q'n constante, o que faz o princípio de inércia ficar conhecido posteriormente como o princípio da constância. Assim, é importante ressaltar que a acumulação de Q'n leva Freud a sustentar a hipótese da existência de resistências no contato entre os neurônios que funcionam como barreiras à passagem da Q'n. Essas resistências serão chamadas de *barreiras de contato*. As vias de condução distinguem-se das barreiras de contato, segundo Freud, pela diferenciação da matéria viva de células nervosas, de modo que, onde há diferenciação, a condução é melhor e, nesse caso, pode-se esperar “que o próprio processo de condução criará uma diferenciação no protoplasma e, com isso, uma melhor capacidade condutora para a condução subsequente” (FREUD, 1988f, p.407).

Decorre da hipótese das barreiras de contato a primeira classificação que Freud faz dos neurônios. Assim, classificam-se os neurônios em *permeáveis* ϕ , que não oferecem resistência e nada retêm, destinados à percepção e os *neurônios*

impermeáveis ψ , dotados de resistência e retentivos de $Q'n$, que são portadores de memória e quiçá, segundo Freud, dos processos psíquicos em geral.

Nesse momento de sua elaboração Freud já dispõe, portanto, dos elementos necessários à explicação de alguns fenômenos psíquicos. Assim, por exemplo, a memória é explicada por uma alteração permanente dos neurônios ψ pela passagem de uma excitação, mais precisamente de suas *barreiras de contato*, de forma que estas fiquem mais capazes de condução, menos impermeáveis. Freud chama esse estado das barreiras de contato de *grau de facilitação* [Bahnung]. Segundo Freud (1988f, p. 410), “a memória está representada pelas diferenciações nas facilitações entre os neurônios ψ ”, tais facilitações dependem da magnitude da impressão e da frequência com que a mesma impressão se repete e estão a serviço do princípio da constância.

Freud considera que a localização do sistema de neurônios ϕ mais acima do sistema de neurônios ψ e com terminações externas protegidas por órgãos especiais e terminações internas mais livres, sem órgãos terminais, indica que ela serve à finalidade de afastar a $Q'n$ dos neurônios. A estrutura do sistema nervoso como um todo estaria, dessa forma, de acordo com sua função primária, que seria de descarregar a $Q'n$ que consegue adentrar.

Baseado nessas considerações Freud chega a uma explicação para a dor. A dor representa uma falha nesse dispositivo de proteção do sistema nervoso, permitindo que grandes Qs irrompam em ψ . O sistema nervoso, conseqüentemente, tem a mais decidida propensão a fugir da dor.

O tema seguinte a ser abordado no “Projeto” é o da Qualidade, que introduz a preocupação de Freud com a consciência. Para Freud a questão reside tanto em

explicar a consciência como percepção, quanto a ignorância que esta mantém dos “processos neurais” descritos por ele, assim como o funcionamento fisiológico do corpo. Para responder à questão da percepção consciente, Freud define a consciência como um processo psíquico que é capaz de perceber *qualidades*. As *qualidades* são definidas, por sua vez, como

[...] sensações que são **diferentes** numa ampla gama de variedades e cuja **diferença** se discerne conforme suas relações com um mundo externo. Nessa diferença existem séries, semelhanças, etc., mas na realidade ela não contém nada de quantitativo [...] (FREUD, 1988f, p.419, grifo nosso).

Para Freud as *qualidades* não estão no mundo externo, onde, segundo ele, só existem massas em movimento e nada mais.

Freud, porém, não encontra facilmente uma maneira de situar a consciência no interior do aparelho psíquico. Conseqüentemente, é preciso que ele crie uma nova hipótese: a existência de um terceiro sistema de neurônios chamado de ω , que “[...] é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades – ou seja, são sensações conscientes”. (FREUD, 1988f, p. 420). Essas sensações seriam geradas, não diretamente pela transferência de $Q'n$, mas por uma espécie de indução eletromagnética gerada pelo ciclo do movimento neuronal. Conforme está no “Projeto”, a base da consciência, portanto, seria o *período* de excitação dos neurônios ϕ e ψ que afeta ω de vários modos diferentes.

Freud, entretanto, não deixa de perceber a insuficiência de sua explicação da consciência por processos excitatórios dos neurônios. Ele próprio afirma que essa explicação baseia-se numa concepção já formada da consciência. Segundo essa concepção a consciência está incluída como um evento psíquico que não se reduz aos

processos ω , compreendidos como processos físicos (*período de excitação*) do sistema nervoso, mas do qual é a parte subjetiva. Vê-se que Freud não consegue situar a consciência de maneira satisfatória.

Vejamos, contudo, um outro aspecto da consciência, que vai além das qualidades sensoriais. Segundo Freud a consciência nos dá também a série de sensações de prazer e desprazer que do ponto de vista mecânico é explicada da seguinte maneira:

Já que temos um certo conhecimento de uma tendência da vida psíquica a evitar o desprazer, ficamos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia. Nesse caso, o desprazer teria que ser encarado como coincidente com o aumento do nível de $Q'n$ ou com um aumento da pressão quantitativa: equivaleria à sensação ω quando há um aumento de $Q'n$ em Ψ . O prazer corresponderia à sensação de descarga. Uma vez que se supõe que ω deve ser preenchido a partir de Ψ , decorre daí a hipótese de que quando o nível em ψ aumenta, a catexia em ω se eleva, e quando, por outro lado, esse nível diminui a catexia cai. O prazer e o desprazer seriam sensações correspondentes à própria catexia de ω , ao seu próprio nível; e aqui ω e ψ funcionariam, por assim dizer, como vasos comunicantes. Desse modo também chegariam à consciência os processos quantitativos em ψ , mais uma vez como qualidades (FREUD, 1988f, p. 424).

Podemos ver que nessa primeira elaboração de Freud, o funcionamento do aparelho psíquico é pautado no esquema estímulo-resposta, um aparelho arco-reflexo que obedece unicamente à lei da descarga. Apesar de já dispor de uma explicação satisfatória do aparelho psíquico, do ponto de vista quantitativo, Freud não está satisfeito com o sistema da consciência com suas leis especiais, baseadas no *período* de excitação, que é um conceito da física termodinâmica.

Retomemos comentário de Lacan sobre a elaboração de Freud no que concerne à consciência:

Defrontamo-nos aqui, pela primeira vez, com esta dificuldade que se vai reproduzir a cada instante na obra de Freud – do sistema consciência, não se sabe o que fazer. É preciso atribuir-lhe leis absolutamente especiais, e **deixá-lo de fora das leis de equivalência energética que presidem as regulações quantitativas**. Por que será que ele não pode dispensar-se de fazê-lo intervir? O que será que vai fazer com ele? Para que será que ele serve? (LACAN, 1985, p.131, grifo nosso).

Como dissemos o funcionamento do aparelho psíquico no “Projeto” obedece sempre a um jogo energético que envolve carga e descarga de energia: dado um estímulo que excita o aparelho psíquico desde o exterior, essas cargas de excitação alcançam dispositivos de terminação nervosa na extremidade do *sistema ϕ* que as *fragmentam*, limitando a capacidade dos estímulos em quantidades médias, e as *selecionam* segundo tipos diferentes de estímulos que resultarão em características qualitativas diferentes. Essa fragmentação no psíquico do estímulo proveniente do exterior, por intermédio do corpo, provoca de um lado uma *limitação* da quantidade e, por outro, uma *descontinuidade*, no que diz respeito à qualidade. Podemos depreender disso que a possibilidade de um dos sistemas vir a ser um fator produtor/encobridor de fenômenos como os da afasia histérica – aqueles em relação aos quais era impossível encontrar a interrupção de uma via propriamente orgânica -, levam Freud a um ponto de partida que toma como pressuposto uma espécie de descontinuidade fisiológica entre os estímulos que passam da superfície do corpo à mente e mais ainda daqueles provenientes do interior do próprio corpo.

Desse modo, o sistema psí torna-se, *per se*, com perdão do trocadilho, o índice das vicissitudes do funcionamento energético do corpo, que apontam, por um lado, para a impossibilidade de inscrevê-lo no âmbito estrito da organização energética e por outro, para uma intrincada relação corpo e mente em suas constituições mútuas. Desde a divisão das paralisias – comentada acima - em *paralisias em projeção* e em

paralisias em representação, nos fenômenos histéricos, Freud pôde chegar a essa falta de correspondência direta entre as partes do corpo e os neurônios do córtex cerebral. Há, portanto, no “Projeto”, uma tentativa de explicação de como as excitações percorrem um caminho que não obedece apenas aos trâmites orgânicos, porque se conjugam com o plano associativo, pela via da representação (*vorstellung*), o que envolve a noção de memória. Segue que o corpo embora tomado em sua consubstancialidade biológica, está para além dela. Mesmo e precisamente quando novos elementos – a memória e a consciência, por exemplo - estão envolvidos em seu funcionamento.

A noção de consciência que Freud faz intervir e a repartição operada nos estímulos que passam pelo corpo e atingem o aparelho psíquico são fundamentais para o entendimento dessa operação. Basta, por enquanto, que retomemos a explicação contida no “Projeto”. Freud aponta para dois caminhos principais para as excitações: a carga de excitação que atinge o aparelho psíquico a partir do exterior se propaga no aparelho psíquico, sem empecilhos por ϕ , por meio de ψ para ω , onde *produz sensação* e desaparece em direção ao lado motor, sem deixar lembrança. Daí a quantidade do estímulo ϕ excita a tendência do sistema nervoso à descarga, transformando-se numa excitação motora proporcional. - o aparelho da motilidade está diretamente ligado a ϕ -. Por outro lado, seguindo um outro caminho, é transferida uma fração da $Q'n$ para os neurônios ψ , cujas terminações localizam-se no sistema ϕ , e a quantidade de excitação de ϕ se expressa por um *enredo* (Freud) em ψ . Em suma, podemos imaginar que um estímulo num determinado membro do corpo teria que percorrer dois caminhos: um que desembocaria numa reação motora, outro que constituiria um elemento na organização

da trama psíquica.

Além disso, observa Freud (1988f, p. 428),

[...] ψ também recebe catexia do interior do corpo; e é provável que os neurônios ψ devam ser divididos em dois grupos: os neurônios do pallium, que são catexizados a partir de ϕ , e os neurônios nucleares, catexizados a partir das vias endógenas de condução.

Assim, o núcleo do sistema ψ , está exposto, sem proteção, às Qs provenientes das vias pelas quais ascendem as quantidades endógenas de excitação. Nisto, segundo Freud (1988f, p. 428), “[...] se assenta a *mola mestra* do mecanismo psíquico”.

Por um processo denominado *soma*, que consiste na acumulação de Q'ns, parcelas de excitação mínima, menores que a resistência constante, ocorre o enchimento dos neurônios nucleares em ψ . Isto resultará numa propensão à descarga, a que Freud chama de *urgência*.

O fato de que, nesse caso, em que as excitações vêm do interior do corpo, nenhuma descarga produza resultado alivante, nos envia para uma outra hipótese, igualmente importante, que envolve outros tipos de vicissitudes pelas quais passam as energias corpóreas, posto que esse estado de urgência aponta para a intervenção de um outro semelhante, que seja capaz de suspender provisoriamente a descarga Q'n. Essa intervenção, como sabemos, denominada “ação específica” coloca em cena um outro corpo:

[...] uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como ação específica, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna [por exemplo pelo grito da criança]. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno (FREUD, 1988f, p.430).

É digno de nota que a explicação das vicissitudes dos estímulos vindos do interior do corpo, passe a fazer referência a uma ação específica que precisaria ser realizada pela ajuda de um outro semelhante. Aqui se insere a função da fala na produção do corpo do *infans*. Trata-se, com Lacan, da presença do outro/Outro na estruturação do corpo.

É importante ressaltar ainda as três coisas que, segundo Freud, ocorrem no sistema ψ , após a execução da ação específica:

- 1) efetua-se uma descarga permanente e, assim, elimina-se a urgência que causou desprazer em ω ;
- 2) produz-se no *pallium* a catexização de um (ou de vários) neurônio que corresponde à percepção do objeto.
- 3) em outros pontos do *pallium* chegam as informações sobre a descarga do movimento reflexo liberado que se segue à ação específica (FREUD, 1988f, p.432).

Por outro lado, ψ está exposto também a *Qs externas* excessivamente grandes que atravessam os dispositivos de proteção em ϕ , causando a dor. Assim como na experiência de satisfação – quando o sujeito, para realizar uma ação específica, deve ter adquirido a capacidade de suportar pelo menos um mínimo de acúmulo de tensão - a experiência da dor acarreta um aumento de tensão $Q'n$ em Ψ , gerando desprazer. Com isso, acarreta também uma propensão à descarga e produz

uma “facilitação” entre esta [propensão à descarga] e a imagem mnêmica do objeto que provoca a dor.

Os resíduos dessas duas experiências, de satisfação e de dor são os estados de desejo e os afetos, respectivamente, que resultam nas duas funções básicas do aparelho psíquico apontadas por Freud, a saber: a atração de desejo primária e o recalçamento. Sendo que, no estado de desejo a atração se explica, segundo Freud, porque a imagem mnêmica agradável supera em catexia uma simples percepção, enquanto que no recalçamento a imagem mnêmica hostil é regularmente abandonada pela sua catexia.

Há, ainda, uma terceira função básica que participa das vicissitudes energéticas apontadas no “Projeto”, interferindo na passagem das quantidades, após as experiências de satisfação e de dor. Freud atribui essa função ao ego e passa a descrevê-la como uma organização que se formou em Ψ composta da totalidade das catexias existentes e de componentes permanentes e mutáveis. A constituição da função do ego é assim descrita:

Embora esse ego deva esforçar-se por se livrar de suas catexias pelo método da satisfação, isso não pode acontecer de nenhuma outra maneira senão por ele influenciar a repetição das experiências de dor e dos afetos, e pelo método seguinte, que é geralmente descrito como *inibição*. [...] logo, se o ego existe, ele deve inibir os processos psíquicos primários (FREUD, 1988f, p.437-438).

[...] a catexia de desejo, levada ao ponto da alucinação, [e] a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como processos psíquicos primários; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como processos psíquicos secundários (FREUD, 1988f, p. 442).

Freud considera ainda que o ego pode cair num estado de perda de suas defesas em duas situações: no “estado de desejo” e na “liberação de desprazer”. Para evitar tais situações a condição necessária é a utilização correta das indicações da

realidade, que só se torna possível quando existe inibição por parte do ego.

Pode-se concluir disso que o ego tem como função a organização das energias corpóreas exercendo importante papel no processo de estruturação disso que Freud chamava a representação do corpo, na medida em que se torna a instância que inibe o jogo livre das energias. Se há alguma instância que no Projeto se apresenta como capaz de dar conta dessa imagem do corpo a que Freud faz referência nos escritos pré-psicanalíticos de fato é o Ego. Sua função é, dessa forma, organizar nos moldes psíquicos, uma estrutura corporal que, se concebida apenas do ponto de vista anatômico e fisiológico, não dá conta de fenômenos como o da conversão histérica, por exemplo.

Pudemos observar nesse pequeno esboço que apresentamos do primeiro movimento da obra de Freud que o psiquismo adquire o seu sentido, sua realidade, na medida em que existe um ego, uma organização que impede, até certo ponto, a passagem livre das descargas energéticas.

Para Lacan, tudo o que se refere à chamada primeira tópica da teoria freudiana do aparelho psíquico está sob a égide do princípio da homeostase. Segundo ele, esse princípio obriga Freud a inscrever todas as suas deduções sobre o funcionamento psíquico em termos de investimento, de carga, de descarga, enfim, da relação energética entre os diferentes sistemas. Para ele, esse princípio tão fundamental permite pensar o homem em seu funcionamento concreto, considerado como máquina. As barreiras que se interpõem ao funcionamento desse princípio, embora estando estas últimas a seu serviço, inauguram, com base nos processos associativos, uma explicação do funcionamento do corpo na e pela linguagem. Isso envolve uma concepção freudiana da memória.

CAPÍTULO IV

4 O CORPO NO ESPELHO

4.1 O aparelho psíquico como um aparelho de memória

Como havíamos dito até aqui o aparelho psíquico tem, portanto, como uma de suas atividades principais regular a pulsação entre as moções internas ao organismo e as manifestações de procura no exterior. Nos interessa discutir, entretanto, a existência de forças que contradizem a dominância do *princípio de prazer* e que lhe são anteriores.

Freud escreve na Carta 52 que o que havia de essencialmente novo em sua teoria sobre a memória era “a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos”. Em sua ótica a memória é constituída pelas diferenças nas facilitações [Bahnungen] existentes entre os neurônios Ψ . Dessa forma são as facilitações que constituem a memória. Ela decorre de serem estabelecidos diferenciais de caminhos entre os neurônios Ψ .

Na assim chamada *experiência de satisfação*, Freud não identifica o *desejo* com *necessidade* biológica. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 147), na teoria da interpretação dos sonhos reside a definição freudiana do desejo (Wunsch), segundo a qual o desejo é inconsciente, considerando-se o inconsciente como instância não natural, mas resultante de uma experiência. Retomemos aqui a *experiência de satisfação* como ela é descrita na Interpretação dos Sonhos:

[...] a princípio os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível; conseqüentemente, sua primeira estrutura seguia o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser prontamente descarregada por uma via motora. Mas as exigências da vida interferem nessa função simples, e é também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior. As exigências da vida confrontam-no, primeiramente, sob a forma das grandes necessidades somáticas. As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma 'modificação interna' ou uma 'expressão emocional'. **O bebê faminto grita ou dá pontapés inermes.** Mas a situação permanece inalterada, pois a situação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto momentâneo, mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do auxílio externo), chega-se a uma 'vivência de satisfação', que põe fim ao estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; **o reaparecimento da percepção é a realização do desejo**, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir 'uma identidade perceptiva' – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade (FREUD, 1988c, p. 516, grifo nosso).

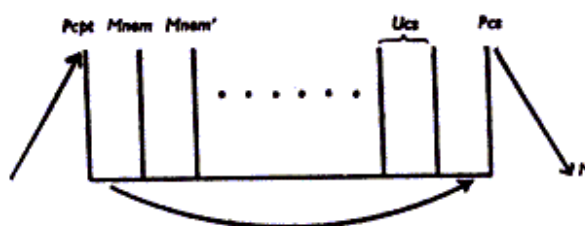
No processo de sonhar, descrito por Freud, a característica mais geral existente é que um pensamento - em geral, um pensamento sobre algo desejado - realiza-se num sonho, na medida em que é encenado, o que tem aí a dimensão de ser vivido. O sonho é, assim, essa vivência movida pelo desejo, que não é reconhecida como desejo, na medida em que a encenação, ou seja, o vivido do sonho é fruto da censura imposta ao desejo. Portanto, o desejo em si nunca é consciente, o que se torna posteriormente consciente é sua realização alucinatória, da qual o desejo é inferido.

Para ilustrar como esse mecanismo opera na função da memória, Freud elabora um esquema do aparelho psíquico, o "instrumento que executa nossas funções anímicas" (FREUD, 1988c, p. 491). Esse esquema é diferente daquele apresentado no

“Projeto”. Freud sugere assemelhá-lo a um microscópio, um aparelho fotográfico ou algum outro instrumento com as mesmas características óticas. O psíquico corresponderá a uma região no interior do aparelho onde se produz um dos estágios preliminares da imagem. Em aparelhos óticos, como o microscópio e o telescópio, nos diz Freud, os estágios preliminares da imagem ocorrem “em parte, em pontos virtuais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho” (FREUD, 1988c, p. 491).

Os processos por onde passam as excitações no aparelho psíquico têm, portanto, sentido e direção: Freud dirá “que toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações¹⁵ por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma atividade sensorial e uma atividade motora” (FREUD, 1988c, p. 492). Assim, no caminho entre essa extremidade sensorial, preparada para receber as percepções, para uma extremidade motora que dá a partida da atividade motora é que as cargas de energia irão inscrever os chamados trilhamentos que darão origem à memória.

Quadro Esquemático:



Fonte: FREUD, 1988c, p. 495.

Figura 3 – Quadro esquemático do aparelho psíquico

¹⁵ “Inervação”, embora sendo um termo caro à neuroanatomia e nesse sentido designaria a distribuição anatômica do nervos, nos parece, por tudo que já foi dito a respeito da ruptura freudiana com a neurologia, que aqui o termo perde esse sentido, em prol da noção de representação (Vorstellung) da estrutura corpo.

Freud dá a seguinte descrição de quadro esquemático apresentado acima: “Na extremidade sensorial encontra-se um sistema que recebe as percepções [...]” (FREUD, 1988c, p. 492). Esse sistema, no entanto, não preserva nenhum traço dessas percepções, portanto, não tem memória. Esse primeiro sistema é denominado sistema perceptivo.

Os traços deixados pela percepção introduzem, por sua vez, uma diferenciação [Bahnungen] no aparelho psíquico. Essas modificações são descritas como traços mnêmicos que são registrados numa associação por simultaneidade temporal (associação) e relacionados à função da memória, o que irá constituir, não um, mas uma série de outros sistemas decorrentes dos diversos elementos mnêmicos fixados numa variedade de registros diferentes.

O primeiro desses sistemas Mnem. conterá, naturalmente, o registro da associação por *simultaneidade temporal*, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de maneira que um desses sistemas posteriores, por exemplo, *registrará relações de similaridade*, e assim por diante, no que concerne aos outros (FREUD, 1988c, p. 494).

Freud descreve o último dos sistemas situados na extremidade motora como o *pré-consciente*: “[...] para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas [...]” (FREUD, 1988c, p. 495).

Mas, quando essas lembranças voltam a se tornar conscientes, advindas desse sistema, não exibem nenhuma qualidade sensorial, ou apenas uma qualidade sensorial mínima se comparadas às percepções.

Assim, Freud afirma: “Descreveremos o sistema que está por trás dele [pré-consciente] como o *inconsciente*, pois este não tem acesso à consciência senão

através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações”. (FREUD, 1988c, p. 496). Portanto o impulso para a formação dos sonhos advém do sistema inconsciente, mas ao qual a consciência não pode ter acesso.

Visto que Freud descreve como progressiva – do inconsciente para a extremidade motora - a direção tomada pelos processos psíquicos, o sonho poderia ser descrito, a partir desse esquema, como tendo um caráter regressivo, ultrapassando as imagens mnêmicas e provocando “[...] uma revivescência alucinatória das imagens perceptivas” (FREUD, 1988c, p. 497)

Acontece que o trilhamento (Bahnung), segundo Lacan não deve ser entendido como efeito mecânico do hábito. “Ele é invocado como prazer da facilidade, e será retomado como prazer da repetição” (LACAN, 1988, p. 272). A memória não pode ser reduzida, portanto, a uma repetição mecânica. Ela é urdida num enredo de representações (*Vorstellungen*). Com isso Freud rompe com a teoria neuro-anatômica de sua época que explicava a função da memória baseada apenas na diferença entre células de percepção e células de memória. Desde o Projeto a idéia absolutamente original com que Freud trabalha baseia-se numa concepção metapsicológica (dinâmica, tópica e econômica) do aparelho psíquico como um aparelho de memória. Fazendo apelo à diferença como princípio de constituição desse aparelho Freud propõe as noções de *Barreira de contato*, *investimento colateral* e *diferenciação* (Bahnung).

Segundo Lacan (1988), o que marca o esquema freudiano na “Interpretação dos Sonhos”, não será mais uma idéia de aparelho, no sentido tópico, mas de relações lógicas, na medida em que Freud insere aí uma dimensão temporal.

A considerar essa importante particularidade¹⁶ apontada por Lacan, não devemos buscar na tese da regressão - como faziam as correntes que se colocavam como os representantes oficiais do pensamento Freud e com as quais Lacan debate - a razão das revivências alucinatórias das imagens perceptivas. Lacan considera esse caráter próprio do sonho, que ele chama de “decomposição imaginária”, como sendo o alcance, pelo processo de sonhar, dos componentes normais da percepção. Os sonhos demonstram que ao repetir a percepção vinculada à satisfação da necessidade o sujeito não pode considerar-se fora dela (percepção). Para Lacan (1985, p. 212) a percepção é antes de tudo uma relação:

[...] a percepção é uma relação total com um determinado quadro, onde o homem sempre se reconhece em algum canto, e, por vezes, se vê até mesmo em diversos pontos. Se o quadro da relação com o mundo não se acha desrealizado pelo sujeito é por comportar elementos que representam imagens diversificadas do seu eu, e que são, igualmente, pontos de arrimo, de estabilização, de inércia.

Não podemos afirmar que Freud não tenha trabalhado com essa hipótese. Pelo contrário, o que dissemos sobre a concepção de percepção em Freud até agora não está em desacordo com o pensamento de Lacan sobre esse tema.

Com efeito, Lacan procura demarcar, na superação da tese do movimento regrediente do sonho, o ponto de inserção de uma teoria do imaginário apoiada na teoria do narcisismo freudiana. O simbólico desempenha a função mediadora entre o sujeito e o seu corpo. O poder de nomear o corpo estrutura a própria percepção, uma vez que está última só pode manter-se dentro do simbólico. Isso nos faz retornar ao

¹⁶ Aqui reside, segundo o “Dicionário de Psicanálise” de Roudinesco e Plon, a principal diferença da noção desejo entre Freud e Lacan. Lacan considerou a visão freudiana do desejo inconsciente como insuficiente. Assim, estabeleceu o elo entre o desejo (Begierde) baseado no reconhecimento - desejo do desejo do outro - e o desejo (Wunsch) inconsciente - realização no sentido freudiano.

ponto em que nos referíamos à questão temporal e sua lógica que implica na dimensão temporal. Para Lacan não é à dimensão espacial do corpo que a palavra responde, mas à sua dimensão temporal. O corpo, que é perecível através do tempo, apresenta uma certa permanência, que só é reconhecível através da nomeação. É preciso que um outro diga que ele está jovem ou velho, por exemplo. Segundo Lacan (1988, p. 215), “O nome é o tempo do objeto. A nominação constitui um pacto através do qual dois sujeitos concordam em reconhecer o mesmo objeto”. Detido na identificação imaginária com o outro o sujeito tem uma experiência esvaecente com o seu corpo, não logiciável. O plano logiciável da constituição do corpo é sustentado no discurso.

4.2 A constituição da imagem inconsciente do corpo

Lacan comenta o texto de Freud “Sobre o Narcisismo: uma introdução” para situar ali a função do imaginário na teoria freudiana, através da distinção entre a perda da realidade na parafrenia (demência precoce, esquizofrenia, psicose) e a neurose.

[...] Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste, também desiste de sua relação com a realidade. Mas a análise demonstra que ele de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos. Essa é a única condição da libido a que podemos, legitimamente, aplicar o termo ‘introversão’ da libido, empregado por Jung indiscriminadamente. Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a reconduzir a libido de volta a objetos (FREUD, 1988a, p.90,91).

A complexa relação do homem com a realidade nos leva a retomar a discussão sobre a constituição para o homem da imagem do próprio corpo. Uma vez

que se trata, em suma, nesse momento, de situar o funcionamento do imaginário nessa constituição.

Considerando-se a *distinção* entre a perda da realidade na neurose e na psicose, podemos supor uma distinção do real do corpo e o corpo imaginário. O funcionamento imaginário permite um nível de retração da realidade que envolve a organização para o indivíduo de uma imagem do seu próprio corpo, conseqüentemente, a falha nesse processo nas psicoses, por exemplo, resulta em diferentes manifestações sintomáticas no próprio corpo do sujeito.

Nos casos de psicose em adultos, por exemplo, Lacan (1986, p.125) concebe a alucinação como uma vivência só do real, com suas palavras, como “uma síntese do imaginário e do real”, ou seja, o que o psicótico adulto perde da realidade, numa alucinação que envolve uma parte do seu corpo, por exemplo, é o acesso ao imaginário. O que significa que a função do imaginário não é a função do irreal, uma vez que a perda do imaginário não o remete para uma realidade menos irreal. Segundo Lacan é preciso reconhecer o verdadeiro valor do registro do imaginário na constituição da realidade do corpo do sujeito.

A falha na função imaginária situa-se, nas psicoses e autismos, na relação entre a maturação estritamente sensório-motora e o que Lacan chama de “as funções de controle imaginário no sujeito” (LACAN, 1986, p.127). Os sintomas corporais nos casos de crianças autistas demonstram esse desequilíbrio ôntico, uma vez que, na maioria dos casos, sofisticados exames não revelam nenhum problema orgânico.

No XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, em 1949, Lacan anuncia aos psicanalistas de além fronteiras francesas sua concepção do *estádio do espelho* que dá o fundamento da origem imaginária da função do eu e sua relação com

a imagem do corpo. O estágio do espelho refere-se, portanto, ao momento em que um bebê, diante do espelho, ainda imerso na impotência motora, assume a imagem refletida como sua. Lacan toma esse momento como revelador de uma “[...] estrutura ontológica do mundo humano” (LACAN, 1998a, p. 96). Importante ressaltar que essa assunção primordial de uma imagem do Eu dá-se em relação à imagem do corpo pela qual o sujeito antecipa, numa visão fantástica, a maturação de sua potência motora. E sua função, segundo Lacan, é romper o círculo estabelecido da relação do organismo com sua realidade, do *Innenwelt* com o *Umwelt*:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do Eu. (LACAN, 1998a, p.100).

Podemos ver que no *infans*, além dessa estrutura rígida original que marcará o desenvolvimento mental, a reflexão da imagem do corpo como unitário introduz o que se chama em psicanálise o segundo narcisismo. Inaugura o padrão fundamental da relação ao outro. Segundo Lacan, no homem, é a assunção da imagem do seu corpo o princípio de toda unidade que ele percebe nos objetos. O fato dessa unidade da imagem somente ser percebida de forma antecipada e como algo que está do lado de fora inaugura a relação dupla do homem consigo mesmo. Os objetos do seu mundo terão sempre a marca dessa identificação narcísica, especular, que evoca sua unidade ideal, egóica, mas que como tal nunca é atingida.

O Objeto, para ele [o homem] nunca é definitivamente o derradeiro objeto, a não ser em certas experiências. Mas este se apresenta, então, como um objeto do qual o homem está irremediavelmente separado, e que lhe mostra a figura mesma de sua deiscência dentro do mundo – objeto que por essência o destrói, o angustia, que não pode alcançar, no qual pode verdadeiramente encontrar sua reconciliação, sua aderência ao mundo, sua complementaridade perfeita no plano do desejo. O desejo tem um caráter radicalmente rasgado. A própria imagem do homem fornece uma mediação, sempre imaginária, sempre problemática que não se acha, pois, nunca completamente efetivada. Ela se mantém através de uma sucessão de experiências instantâneas, e esta experiência, ou bem aliena o homem de si próprio ou bem vai dar numa destruição, numa negação do objeto. [...] Se o quadro da relação com o mundo não se acha desrealizado pelo sujeito, é por comportar elementos que representam imagens diversificadas do seu eu, e que são, igualmente, pontos de arrimo, de estabilização, de inércia (LACAN, 1985, p. 211-212).

Podemos dizer, com Lacan, que o homem vive sob o amparo dessa captura incessante de uma unidade ideal que lhe escapa a todo instante. Nesse sentido é que a relação humana com o mundo, segundo Lacan, tem algo de inauguralmente lesado. O que recoloca a antiga questão da lesão num outro plano, inteiramente distinto daquele encontrado no discurso neurológico. Sendo que a lesão de que se fala aqui é estrutural, é a fenda constitutiva do sujeito, sem a qual sua estrutura estará comprometida.

CAPÍTULO V

5 A FALA DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO

5.1 A Lambida Materna no Corpo do Infans

Espero que o leitor compartilhe da mesma suspeita que me invade: a sensação de que é o momento de abriremos a investigação da questão da juntura do imaginário e do simbólico. Com isso, explicitaremos melhor a função da linguagem na estruturação do sujeito, nos bordeamentos da fenda subjetiva. Já que, para Lacan, o sujeito não se reduz a essa personagem instantânea apreendida na imagem antecipada dele mesmo, é justo que procuremos investigar como o desejo aprende a se reconhecer pelo símbolo. Uma condição de dependência radical o faz fruto do próprio estado de impotência em que nasce. É nesse estado primitivo de dependência como o ilustra a “experiência de satisfação”, que se instaura, nos gritos de apelo, os rudimentos da nomeação da relação ao outro.

O momento que introduzimos em nossa marcha investigativa tem a ver com o momento que o estádio do espelho desaparece (LACAN, 1986, p.196) . Tentamos apreender esse passo lógico, esse momento que Lacan chama de *báscula*: na medida em que a assunção jubilatória do domínio da imagem do corpo é produzida na criança por intermédio de um outro e esse domínio é assumido pelo sujeito no seu interior.

Freud sublinha que isso deve ter a maior relação com a superfície do corpo. Não se trata da superfície sensível, sensorial, impressionada, mas dessa superfície enquanto está refletida numa forma. Não há forma que não tenha superfície, uma forma é definida pela superfície – pela diferença no idêntico, quer dizer a superfície.

[...] o homem se sabe como corpo quando não há afinal de contas nenhuma razão para que se saiba porque ele está dentro.

[...] É num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Da mesma forma, tudo o que está então nele no estado de puro desejo, **desejo originário, inconstituído e confuso, - o que se exprime no vagido da criança – é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo. Aprenderá, porque não aprendeu ainda, enquanto não colocamos em jogo a comunicação** (LACAN, 1986, p. 197, grifo nosso).

Pode-se perceber aí o esboço da relação do sujeito do desejo e do seu corpo com a linguagem. No plano da relação imaginária do estado especular, essa relação se apresenta como uma *projeção* no outro. Enquanto é meramente alienado no outro, entretanto, o desejo do sujeito provoca um conflito sem saída, na medida em que ele só pode se confirmar através da concorrência com o outro em relação ao objeto para o qual tende. Se ficasse apenas nesse plano da relação imaginária toda aspiração humana seria, segundo Lacan, a de destruição do outro enquanto sede do alheamento do seu desejo.

Retomaremos aqui a questão da repetição em Freud para situarmos num outro contexto a interposição da linguagem nessa relação ao outro, o que permite uma saída para essa tensão primordial da alienação do sujeito no outro.

Dado que Freud, em relação ao funcionamento mental, atribui um princípio que regula a tensão própria desse funcionamento e que chama de princípio de prazer, homeostático, é à sua perturbação que o fundador da psicanálise se refere quando aborda o problema da *compulsão à repetição*. Dentre as circunstâncias que impedem o princípio de prazer, a compulsão à repetição colocava-se como uma incógnita para

Freud. Ele fica siderado pelo fato de que, em alguns casos, o sujeito repete o que lhe causa desprazer.

Em “Além do Princípio de Prazer”, texto no qual Freud desenvolve esse tema, ele convida o leitor a examinar um tipo de compulsão à repetição encontrada na brincadeira das crianças, portanto numa atividade normal do sujeito.

Segundo Freud (1988b), a criança a que se refere tinha precisamente a idade de dezoito meses - idade limite, portanto, segundo Lacan, para a criança sair do estágio do espelho -. Essa criança falava apenas algumas poucas palavras compreensíveis e utilizava também uma série de sons que expressavam um significado inteligível para aqueles que a rodeavam.

O menino, neto de Freud, era bastante ligado à mãe e realizava, repetidamente, uma espécie de jogo, assim descrito por Freud:

[...] Esse bom menino, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atira-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los quase sempre dava um bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhando por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra alemã ‘fort’ [ir embora]. Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ‘ir embora’ com eles. Certo dia, fiz uma observação que confirmou meu ponto de vista. O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, e brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia, era segurar o carretel pelo cordão com muita perícia e arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo ‘o-o-o-ó’. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (aqui). Essa, então era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato’ (FREUD, 1988b, p.26).

Uma observação posterior confirmou plenamente essa interpretação. Certo dia, a mãe da criança ficou ausente por diversas horas: à sua volta, foi recebida com as palavras 'Bebê o-o-o-ó!', a princípio incompreensíveis. Contudo, logo se viu que, durante esse longo período de solidão, a criança havia encontrado um método de fazer desaparecer a si própria. Descobrira seu reflexo num espelho de corpo inteiro que não chegava inteiramente até o chão, de maneira que, agachando-se podia fazer sua imagem no espelho 'ir embora' (FREUD, 1988b, p-27, [nota de rodapé]).

O curioso nessa brincadeira, para Freud, é que o primeiro ato da criança de jogar o carretel fazendo-o desaparecer e que representava o desaparecimento da mãe era incansavelmente repetido. A questão de Freud era como a repetição dessa experiência aflitiva, no jogo do carretel, poderia estar relacionada com o princípio de prazer, já que a criança repetia também isoladamente a primeira parte do jogo que era sentida por ele próprio como desprazerosa?

A orientação para a resposta a essa questão Freud nos dá com o acréscimo feito um ano depois de sua primeira edição no texto "Além do Princípio de Prazer". As últimas palavras do parágrafo anterior à introdução do exame da brincadeira da criança, que tratava da repetição nos sonhos dos neuróticos traumáticos, depois do acréscimo de Freud, passaram a ser as seguintes: "[...] podemos ser levados a refletir sobre as misteriosas tendências masoquistas do ego" (FREUD, 1988b, p.25). Isso resultou em psicanálise no que se chamou de "saída masoquista" - embora Lacan desconsidere toda a validade desse termo quando é concebido como desconectado de sua dimensão simbólica. E o que nos importa ressaltar é que para Lacan a chamada "saída masoquista" é justamente esse ponto de junção entre o imaginário e o simbólico. O ponto onde, segundo ele, na sua forma estruturante situa-se o que se chama o masoquismo primordial e a pulsão de morte.

Podemos depreender disso que o ponto de junção entre o imaginário e o simbólico tem uma relação fundamental com as pulsões, em especial com a pulsão de morte. Mas antes sigamos com o jogo de infância que Freud nos trouxe e vejamos a repetição como movida pelo masoquismo primordial em sua dimensão simbólica, como quer Lacan. No jogo do carretel da criança em questão, é digno de nota o fato de que ele é acompanhado de uma vocalização, que se caracteriza por uma transformação fonética: a criança passa de uma vogal repetida ao uso de uma consoante: “o-o-o-ó” para fazer oposição à oclusão “da”. Lacan sublinha essa oposição fonemática simples como o fato a ser ressaltado do exemplo trazido por Freud: “Nessa oposição fonemática, a criança transcende, introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência. Torna-se mestre da coisa, na medida em que, justamente a destrói” (LACAN, 1986, p.200)

Essa questão merece estar no cerne do nosso trabalho, por isso, procuremos investigá-la com cuidado. Primeiramente, iremos decompor em seus elementos a brincadeira dessa criança:

- 1) O fato de ela encontrar-se, constantemente, privada no seu desejo de ter a mãe como objeto amado e a relação que esse fato tem com o jogo que consistia em fazer aparecer e desaparecer objetos, constituindo-se, segundo a interpretação de Freud, numa substituição da ausência e da presença da mãe.
- 2) Um jogo de ação, portanto corporal, acompanhado de uma vocalização dessa ação por um par de símbolos “óooooo”/“da” que indicam oposição fonemática.

- 3) Sentimento de prazer despertado na criança em manejar a ausência e a presença do objeto. Prazer que, segundo Freud, reside no domínio retrospectivo de uma experiência desprazerosa que a criança não pode evitar. Domínio esse que Lacan atribui à própria relação mortificadora dos símbolos com as coisas.

Lacan introduz na interpretação freudiana dessa experiência - baseado, diga-se de passagem, na própria observação de Freud – a discussão sobre a constituição do corpo por linguagem. Essa experiência, segundo a interpretação de Lacan, ilustra uma mudança subjetiva em que com um gesto a criança indica sua passagem para um estágio de linguagem.

Como indicamos acima, a ultrapassagem teórica que Lacan faz em relação à forma como Freud concebe a compulsão à repetição incide sobre a interpretação dessa experiência da brincadeira infantil descrita por Freud. Lacan o faz não mais recorrendo à noção de masoquismo primário, mas à de pulsão de morte, **para conceber a re-integração do desejo no sujeito numa forma verbal sagrada por uma convenção que lhe é exterior.**

Formulemos duas questões com base nisso que foi dito. Assim estaremos exercitando um ensinamento de Santo Agostinho, segundo o qual quando se endereça uma pergunta, direciona-se o que se quer obter como resposta:

Em primeiro lugar, quais as nuances dessa manifestação da linguagem na criança, em relação ao seu desejo?

Segundo Lacan, com o manejo da ausência e da presença do objeto, a criança não somente domina sua privação do objeto – a mãe, no caso, mas ao fazer acompanhar sua ação com a vocalização ‘óoooo/da’, com essa incitação à presença e

à ausência do objeto pela voz¹⁷, a criança o destrói, negativiza o outro, para dar-lhe corpo no próprio par de fonemas. No exercício da linguagem, nesse par de fonemas, a criança se re-projeta no lugar da mãe, ao se identificar com o lugar de controle da ausência e da presença desta.

No plano imaginário, especular, o desejo da criança está inicialmente alienado. Mas na medida em que é de fora - do grande Outro - que a criança recebe o Fort/Da, daí por diante, o desejo da criança passa a ser a *inscrição* do desejo do Outro. O fato mesmo do desejo da criança advir como vocalização, isto é, como linguagem, faz uma diferença na medida em que, ao negativar o outro, pode assumi-lo como sendo seu. Ao assumir o controle da presença e da ausência do objeto amado através da linguagem a criança pode então mobilizar o seu desejo, como desejo de sujeito, para objetos substitutivos.

É importante observar que essa dialética do desejo, que se faz a partir da entrada do sujeito na linguagem, é justamente o que, ao fazer o corpo desaparecer, dá corpo a si próprio, como mostra a experiência citada da criança diante do espelho. Ao abaixar-se e sumir diante do espelho repetindo a vocalização “Bebê óóóóó!” (FREUD, 1988b, p. 27 [Nota de rodapé]), a criança se regozija, por agora já possuir, para além da identificação imaginária com o corpo da mãe, o domínio do próprio corpo pela via da negação deste e ancorada na constituição de um Outro corpo pela linguagem.

Façamos aqui uma reflexão para melhor discernir esse momento que chamamos de entrada do sujeito na linguagem, a partir do que define uma área no

¹⁷ Lacan para descrever a incitação do objeto pela linguagem usa o termo *provocação* que, para ele, é logicamente anterior ao gesto através do qual a criança faz aparecer e desaparecer o objeto, chamando a atenção para o fato de que quando ela diz “óóóóó” objeto está presente e quando diz “da” o objeto está ausente.

interior da lingüística nomeada como “aquisição de linguagem”. Vejamos o que de Lemos afirma em seu artigo “A Sintaxe no Espelho” (1986) acerca disso. Ela questiona de maneira radical as proposições sobre sujeito e linguagem que o uso do termo “aquisição de linguagem” encerra. O termo “aquisição”, segundo ela, já causa um primeiro estranhamento, em primeiro lugar, ao nível da própria situação e do movimento que ela prefigura:

[...] o de alguém que privado de algo situado fora de si mesmo, dele se apropria como de um objeto que lhe é alheio. Então quando se fala de aquisição de linguagem, o que se supõe é um sujeito já constituído, capaz até de localizar esse objeto – a linguagem -, de reconhecê-lo como tal e dele se apossar? (LE MOS, 1986, p. 5).

É preciso seguir a interrogação de Lemos se não quisermos permanecer presos a uma abordagem desenvolvimentista dessa questão, pressupondo assim a linguagem como objeto de um sujeito inato adaptável. No que concerne à concepção de corpo implícita nessa concepção de linguagem, podemos inferir que esta pressuposição só pode basear-se em hipóteses biologistas e desenvolvimentistas do corpo. Pelo que já dissemos até agora, espero que não reste dúvidas sobre a nossa hipótese que, contrariando as proposições anatomistas e desenvolvimentistas do corpo, sua constituição não pode em momentos cruciais prescindir da linguagem. Isso na medida em que a linguagem é propriamente o que separa esse corpo alienado no corpo do outro, de um corpo capaz de se reconhecer como tal. Essa hipótese lacaniana com a qual trabalhamos supõe que a própria negação pela linguagem do objeto do qual a criança se vê privada introduz a determinação que a criança recebe da ordem simbólica.

O homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. É no momento de sua conjugação essencial e, por assim dizer, no ponto zero do desejo, que o objeto humano sucumbe à captura que, anulando sua propriedade natural, passa desde então a sujeita-lo às condições do símbolo (LACAN, 1998a, p. 51).

Podemos agora discernir que o sujeito não domina aí apenas sua privação, assumindo-a, mas que eleva seu desejo a uma potência secundária. Pois sua ação destrói o objeto que ela faz desaparecer na **provocação** antecipatória de sua ausência e sua presença. Ela negativiza assim o campo de forças do desejo, para se tornar, em si mesma, seu próprio objeto e esse objeto, ganhando corpo imediatamente no par simbólico de dois dardejamentos elementares, anuncia no sujeito a integração da diacrônica da dicotomia dos fonemas, da qual a linguagem existente oferece a estrutura sincrônica a sua assimilação; do mesmo modo, a criança começa a se comprometer com o sistema do discurso concreto do ambiente, reproduzindo mais ou menos aproximativamente, em seu Fort! E em seu Da! Os vocábulos que dele recebe (LACAN, 1998a, p. 320, grifo nosso).

Desse ponto de vista, podemos formular a segunda pergunta: por que a oposição fonemática pode ser tomada como uma primeira manifestação da linguagem no sujeito, como aquilo que dá corpo ao sujeito, pelo menos, como sua porta de entrada?

É importante ressaltar a observação feita por Lacan acerca do Fort/Da: que a criança escute um som e o pronuncie, que ela diga “óoooo\da”, não há nada de propriamente lingüístico nisso. Uma vez que é do fonema que se trata, o importante, do ponto de vista lingüístico, é que haja uma *oposição* entre um som e outro, que haja traços, num determinado som, que sejam opostos aos traços existentes num outro, no interior de um conjunto de oposições. Por outro lado, que esse rudimento da linguagem se estruture como um discurso dirigido a um outro. O que segundo Lacan já se produz desde o início, na medida em que nesse fenômeno manifesta-se um princípio que pode ser baseado no que chama “metáfora do flogístico”¹⁸:

¹⁸ 1 Rubrica: química. No passado, denominação atribuída ao oxigênio; 1.1 fluido que, acreditava-se, associado a uma substância e, através de calor e luz, se manifestava nos corpos e produzia combustão.

[...] a significação emana tão pouco da vida quanto o flogístico, na combustão, escapa dos corpos. Antes, seria preciso falar dela como da combinação da vida com o átomo O do signo, do signo no que, antes de mais nada, ele conota a presença *ou* a ausência introduzindo essencialmente o *e* que as liga, pois, ao conotar a presença ou a ausência, ele institui a presença com base na ausência, assim como constitui ausência na presença (LACAN, 1998a, p. 600).

O que significa dizer que não há nunca univocidade no símbolo.

Ao falarmos do significado, pensamos na coisa, quando se trata da significação. Não obstante, cada vez que falamos, dizemos a coisa, o significável, através do significado. Há aí um logro, porque é claro que a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas esse logro é estrutural na linguagem humana e, num certo sentido, é nele que está fundada a **verificação** de toda a verdade (LACAN, 1986, p.281)

Com efeito, o procedimento metodológico que caracteriza a fonologia como estruturalista e a diferencia da fonética - esta última de natureza atomista - tem como ponto central a concepção de fonema baseada no seu aspecto diferencial, e não simplesmente no aspecto físico dos sons da fala, ou seja, em seu aspecto estritamente substancial. Isto representa atribuir a certas relações imaginárias, em detrimento de qualquer outro aspecto, um papel de grande relevância na definição de fonema.

O procedimento estruturalista se fundamenta, portanto, na tese de que o fonema constitui-se num “elemento diferencial”. Para Trubetzkoy, isto equivale a dizer que o fonema é antes de tudo um *valor lingüístico*, no sentido saussureano. Assim ao tratar o fonema como *valor lingüístico*, Trubetzkoy (apud SAUSSURE, [s.d], p.130) enfatiza o caráter relacional e sistêmico do fonema, pois para Saussure a língua é “um sistema de valores puros”. Por outro lado, esta concepção do fonema e das relações lógicas que o envolvem não deixa de repousar no princípio saussureano da *arbitrariedade do signo*. Do ponto de vista da língua concebida como sistema, este princípio esvazia os seus elementos constitutivos de qualquer relação naturalmente

necessária no vínculo interno que une um som a uma idéia. Sabemos que, para Saussure, considerando-se os elementos que entram em jogo na constituição do signo, quais sejam, o “conceito” e a “imagem acústica”, o vínculo que os une é inteiramente arbitrário, ou seja, não há nenhuma relação de motivação na “escolha” de um pelo outro. Uma vez que estes elementos lingüísticos a que nos referimos são ambos de natureza psíquica e dada esta combinação (conceito/imagem acústica) produzir apenas *forma* e não substância, a principal consequência disso é que os valores lingüísticos, pelo menos em seu aspecto sonoro, tornam-se baseados inteiramente em relações diferenciais e negativas: um elemento lingüístico só se define pelo que os outros não são.

[...] são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é a de ser o que os outros não são (SAUSSURE, [s.d], p. 136).

Ao analisar a questão das relações entre as entidades fonológicas e os sons, Jakobson, todavia, parte da premissa de que os fonemas, concebidos como feixes de traços distintivos, estão ligados internamente aos sons concretos. Ou seja, situa os traços distintivos dentro dos sons da fala. Isso corresponde a situar o fonema no interior da fala, no seu nível motor, acústico ou auditivo. Com esta concepção do fonema como imanente aos sons da fala, Jakobson pretendia se opor às diversas concepções que de maneiras diferentes desvinculam os fonemas dos sons concretos. Segundo o ponto de vista de Hjelmslev, denominado “algébrico”, no qual Jakobson encontrará uma oposição mais clara à sua premissa, existiria uma separação máxima entre fonema e som. Essa corrente pretendia que a Lingüística se transformasse na álgebra da linguagem, que operasse com *entidades não-nomeadas* naturalmente, mas apenas com aquelas

entidades nomeadas arbitrariamente por uma escrita fonética, que pudesse ser empregada para o estudo dos fonemas de qualquer língua. Dessa maneira, para Jakobson, a proposta de Hjelmslev consiste em separar o “plano da expressão”, ou seja, “o significante (no sentido saussureano)” , de seu aspecto sonoro”. Segundo Jakobson, isso significaria construir um código ocasional em oposição ao fenômeno universal da fala, ou seja, pretender estudar os fonemas sem recorrer a suas premissas fonéticas. Procedimento do qual discorda.

Apoiados nessas hipóteses estruturalistas, podemos situar a diferença entre a vocalização, baseada em diferenças puras, que Lacan ressalta no caso do Fort/Da do neto de Freud e o grito de apelo de um bebê como Freud descreve na “experiência de satisfação”, por exemplo.

Antes, porém, devemos dizer que essa questão incide sobre as noções de fala e língua. O pressuposto da oposição entre língua e fala é inerente aos textos de Freud. No sonho, por exemplo, sabemos que Freud defrontou-se, primeiramente, com a diferença de volume entre o material manifesto e o pensamento latente, daí Freud vir a conceber entre eles os processos de condensação e deslocamento, ou seja, a transformação de um material em outro. A partir da análise de como essas operações se dão, Freud ensinou aos analistas a tratarem os sonhos como uma “Escritura Sagrada”, ou seja, no seu aspecto textual.

Para a psicanálise, o fato dominante é que o sujeito conte esse sonho. Isso porque o sonho, a princípio, é a própria decomposição imaginária. Exatamente por isso precisa ser encorpado como fala. O fato de o sonhador já se encontrar introduzido na ordem simbólica confere significação às imagens decompostas do material alucinado do sonho. Eis aí no sonho uma língua que virtualmente se oferece para converter-se numa

fala, num discurso mais extenso, por isso a diferença de volume constatada por Freud entre os materiais dos sonhos.

A presença de uma língua materna que o preceda é, portanto, a condição básica para que a criança estruture o seu desejo - e assim estruture seu corpo - é o que permite diferenciar o Fort/Da do simples grito de um bebê inerte. A aquisição da linguagem só pode se iniciar com a existência de uma alteridade da qual deriva todo o processo de emergência do sujeito e sua fala. De tal forma que o “falar espontâneo” nos parece inteiramente dependente do Outro. Vejamos a seguir como pode se dar essa dependência.

5.2 Noções elementares sobre a Alteridade *com* a Linguagem

Há no título acima pelo menos duas possibilidades de sentido. A frase “a alteridade com a linguagem” pode significar, numa primeira interpretação, a relação, intermediada pela linguagem, que um sujeito tem com um outro qualquer. Nesse caso, caberia à linguagem ocupar um lugar *entre* o sujeito e o outro, a linguagem lhes estaria sendo exterior e *com* ela estabelecer-se-ia a relação de um ente com o outro.

Por outro lado, numa segunda interpretação, “a alteridade com a linguagem” poderia significar a coexistência *na* linguagem de uma alteridade que não cessa de se estruturar em seu próprio funcionamento. Assim caberia à linguagem estabelecer, a partir do seu próprio funcionamento, as condições de existência do sujeito/Outro.

Essa alteridade de que nós falamos, todavia, poderia, distinguir-se ainda numa terceira interpretação. Sendo, por sua vez, essa alteridade suposta numa linguagem em potencial como numa estrutura inata, biológica, que ao se desenvolver

revelaria a subjetividade erigida no interior de sua própria estrutura. Essa concepção do sujeito não estaria em completo desacordo com a idéia de coexistência *na* linguagem de alteridade, mas, nesse caso, o sujeito já seria suposto existente como um germe, como um rudimento de um novo ser que própria a estrutura biológica suportaria.

Adotar esse ponto de vista inatista da linguagem representaria, no entanto, um risco para a solução do nosso dilema sobre a questão da alteridade na linguagem. Ao pretendermos afastá-la do status de um objeto que existe como um ente exterior, correríamos o risco de cair numa solução reducionista que apenas nos eximiria de explicar o que entendemos por alteridade na linguagem. Essa é, sem dúvida, uma possibilidade difícil de sustentar. Malgrado reste ainda o inconveniente do questionamento sobre como o sujeito viria se imiscuir no interior mesmo do funcionamento da linguagem.

Temos razões para pensar que, para um sujeito caber na linguagem, é necessário que ele não esteja suposto já constituído antes, como um germe a se desenvolver naturalmente, seja como estrutura biológica, seja como fruto lógico de um método bem elaborado. O acento que damos nesse *com a linguagem* quer ressaltar que a subjetividade nasce concomitante à inauguração, por assim dizer, do reino da diferença, que tem na existência da linguagem sua condição. Assim, o título “A alteridade com a linguagem” é aqui tomado nesse sentido. Mas, poderíamos nos perguntar ainda sobre que estatuto da linguagem refere a essa concepção. Muita pena já correu para tentar explicar o que é a linguagem. Na Grécia antiga, filósofos já realizavam discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção. Também os antigos hindus empreenderam sofisticados estudos sobre a linguagem com objetivos religiosos. Na Idade Média os *Modistae*

procuraram construir uma teoria geral da linguagem, partindo da suposição da autonomia da gramática em relação à lógica. De certa forma, dando seqüência a essa tradição, o século XVII é conhecido como o século das Gramáticas Gerais e o século XIX, como o século das Gramáticas Comparadas.

Para Saussure ([s.d.]), que no início do século XX funda a chamada lingüística moderna, a ciência da linguagem não tem seu objeto dado previamente. O que de uma certa forma nos faz crer que para ele o objeto linguagem não existe a priori. Ainda que a recém-fundada lingüística se tenha debruçado sobre o estudo de um tipo específico de linguagem, a verbal, ou seja, a da palavra, houve uma dificuldade em definir que aspectos da linguagem verbal deveriam ser privilegiados em seu estudo, uma vez que as palavras podem ser abordadas sob diversos aspectos: como som, como imagem sonora, como expressão de uma idéia, como imagem visual, etc.

Somente a partir de uma delimitação metodológica efetuada pelo seu fundador, no ato da sua fundação, é que o objeto dessa ciência da linguagem é definido. Dada a multiplicidade de aspectos a serem abordados, Saussure chega a uma conclusão: “bem longe de dizer que é o objeto que precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, [s.d.], p.13).

Isto serve para que, na sua construção teórica, Saussure faça uma escolha. Considerando-se que o objeto da lingüística não é dado de forma integral, é necessário o seguinte procedimento científico: “colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, [s.d.], p.16-17). O que é paradoxal é que ao iniciar o caminho para a construção de uma unidade no objeto da lingüística, Saussure admita a existência de algo que, no fenômeno lingüístico, independe do ponto de vista, a saber, o fato de que, seja qual for

o ponto de vista que se adote, “[...] o fenômeno lingüístico apresenta *perpetuamente* duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, [s.d.], p.15). O fenômeno lingüístico é para Saussure uma coisa dupla. A questão que levantamos nesse trabalho reside exatamente nesse pormenor. Não estaria esse reino da diferença, o reino da subjetividade construído a partir da delimitação de uma fronteira. Limite esse que inaugura o mesmo e o diferente, a presença e a ausência, como a borda da cama da criança do Fort/Da.

Saussure ([s.d.]) não se refere exclusivamente ao signo lingüístico, mas a outros aspectos dualísticos da linguagem verbal:

- a) a articulação de sons pelos órgãos vocais / a percepção pelos ouvidos das impressões acústicas;
- b) som, unidade complexa acústico-vocal / idéia, unidade complexa fisiológica mental;
- c) lado individual da linguagem / lado social da linguagem.

Ante essas dualidades da linguagem, a língua, do ponto de vista de Saussure, é o que resta suscetível de uma demarcação autônoma, de servir como “unidade da linguagem”, sendo assim uma parte determinada desta. Não importa para Saussure o fato de que a dita faculdade da linguagem seja natural ou não, mas sim o de que a língua é o que faz a unidade da linguagem. Dessa forma, a língua, fruto da coletividade, ergue-se como um castelo de regras aleatórias e criando os limites do reino da diferença. A língua é constituída como unidade aberta sob uma multiplicidade de aspectos.

Para darmos seqüência à distinção entre língua e linguagem em Saussure observemos o chamado “circuito da fala” elaborado por ele para explicar o

funcionamento da linguagem verbal oral. Os processos envolvidos no circuito da fala são para Saussure de três tipos: psíquico, no qual situa-se a língua; fisiológico, no qual produz-se a fala e o físico, onde se dá a propagação da parte material da linguagem verbal oral que é o som.

Saussure ([s.d.]) situa a língua no âmbito do processo psíquico e a entidade lingüística é tomada como uma “coisa dupla” – mais uma vez a dualidade. As entidades psíquicas, os signos, que constituem o sistema da língua são formadas pela união de dois termos: o significante e o significado. Esses signos não estão isolados, mas estabelecendo relações entre si. Saussure pressupõe existir entre eles dois tipos de relações: 1) as relações denominadas sintagmáticas, que se dão no discurso e são baseadas no caráter linear do significante. A relação sintagmática existe *in praesentia*. O que quer dizer, segundo Saussure ([s.d.], p.143), que “repousa em dois ou mais termos presentes numa série efetiva”; 2) As relações associativas, a associação entre termos pela via de uma relação *in absentia*, “numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, [s.d.], p.143).

Essa rede de relações coloca um problema para Saussure que é o da construção das identidades significativas na língua. A unidade lingüística só pode ser construída tendo em vista essa rede de reciprocidade com outros elementos do sistema da língua, de acordo com regras determinadas, porém sempre em desequilíbrio. Saussure ([s.d.], p. 128) afirma: “vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente’.

Como sabemos, o valor lingüístico de um signo se define justamente a partir da solidariedade entre os elementos do sistema. Para Saussure, bastam as relações de presença real ou presença potencial (como no caso das relações *in absentia*) simultânea de dois signos para que um valor seja atribuído a cada um deles. Dizer que o valor se confunde com a identidade equivale a dizer, portanto, com Saussure, que a identidade significativa de *um* signo lingüístico se constrói por suas relações reais e virtuais com *outro* signo.

Desse modo, colocar a questão da alteridade na linguagem exige, ao mesmo tempo, abrir a questão da *identidade da língua* enquanto relação ao outro. Identidade que não se sustenta apenas na evidência de dois objetos com superfícies coincidentes – o que parece aludir ao registro do imaginário como Lacan o pensa -, mas antes de tudo na relação entre dois termos que insistam em não se identificarem entre si.

Ao partirmos de Saussure para pensarmos a língua, estamos sempre diante de um fato psíquico. A língua é por definição, em Saussure, o aspecto psíquico da linguagem. Ao referir-se, na composição do signo lingüístico, ao seu aspecto conceitual, ele mencionou os conceitos ou significados como “fatos da consciência” que são expressos pela união com as imagens acústicas. Essas últimas são definidas como impressões psíquicas de sons vindos de fora e percebidos pelo órgão da audição. Assim é que o signo lingüístico, para Saussure ([s.d.], p. 80), “é uma entidade psíquica de duas faces”, um conceito e uma imagem acústica que estão sempre intimamente unidos. Para Saussure, entretanto, esse vínculo somente será reconhecido como realidade, se forem consagrados pela língua, vale dizer, pela relação ao Outro. Porque a língua é, enquanto um sistema de coisas duplas e coletivas, essencialmente, uma realidade psíquica. Para adquirir o status de signo de uma língua, é necessário que o

vínculo entre um determinado conceito e uma imagem acústica, tenha a aquiescência desse Outro que é a “coletividade” e que entendemos aqui, antes de tudo, como coletividade simbólica, como tesouro de significantes. Entendemos que Saussure referiu-se à língua como um “fato social” aproximando-se do conceito de E. Durkheim de “consciência coletiva”, como um sistema de representações exteriores às consciências individuais. Pelo menos no aspecto em que a concebe como uma existência autônoma em relação às vontades individuais. Para Saussure a língua, assim como os fatos sociais para Dürkheim, não se reduzem a um contrato livremente consentido: “[...] se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais concludente disso” (SAUSSURE, [s.d.], p. 85).

Assim, para Saussure, embora sendo o signo lingüístico psíquico fato da consciência, paradoxalmente, escapa ao nosso domínio individual: “A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (Saussure,[s.d.], p. 85)

Estamos diante de mais um duplo caráter da língua. Ela é, a um só tempo, psíquica e social. Isso significa que a língua não pode ser tomada como um sistema livre e dependente apenas de um princípio racional e individual, mas também que o psíquico (o que quer dizer, para nós, o Inconsciente) se entrecruza, em sua constituição, com o coletivo. A alteridade da língua está situada em dois campos, o do outro semelhante como o qual se estabelece relações imaginárias de identificação e o do inconsciente, do grande Outro. Mas podemos afirmar que em ambos a língua envolve uma estrutura dialógica.

Dessa forma, quase tudo que acontece na mente deve ser suposto como um jogo entre algo que posso identificar e algo que ignoro, entre Eu e Isso. Estamos cômnicos de apenas parte de nossas declarações. Para Freud (1988a, p.194-195)

A consciência torna cada um de nós cômnicos apenas de seus próprios estados mentais; que também outras pessoas possuam uma consciência é uma dedução que inferimos por analogia de suas declarações e ações observáveis, a fim de que sua conduta fique inteligível para nós.

Essa identificação com os outros semelhantes, se torna uma condição *sine qua non*, segundo Freud, para a *compreensão*. Retomemos uma descrição de alguns aspectos da vida mental coletiva apresentados por Freud em “Psicologia de Grupo e Análise do Eu”. Uma das características mais importantes ressaltadas por Freud das operações mentais da coletividade, é que, quanto menor o grau de organização social dos indivíduos, quanto mais eles são apenas um aglomerado e não uma coletividade, mais a força dos impulsos plenos de desejo se sobrepõem à função de verificação da realidade das coisas. Segundo Freud (1988b, p.109) é comum observarmos em grupos de indivíduos a intensificação da emoção, através de uma espécie de um contágio emocional. Isso decorreria do seguinte fato: “a percepção dos sinais de um estado emocional é automaticamente talhada para despertar a mesma emoção na pessoa que o percebe”. Em suma, seriam dois os aspectos principais da vida mental da coletividade: a intensificação das emoções pelo contato com o outro, através de sinais que lhes são percebidos de forma inconsciente e a inibição do intelecto nos grupos de organização mais simples. Conclui-se disso que se a vida coletiva altera a vida mental dos indivíduos não é porque ela prescinda de uma linguagem.

Vejamos a explicação que a psicanálise deu para essa alteração mental experimentada pelo indivíduo no grupo. A elucidação desse tema que surgiu com a

concepção de sugestão em Bernheim, para quem a sugestão era um fato fundamental da vida mental do homem. Ocorre, porém, que, segundo Freud, a própria sugestão carecia de explicação. Era preciso explicar as condições sobre as quais a influência sem fundamento lógico e adequado se realiza na vida mental coletiva.

Freud se coloca essa tarefa. Seu ponto de partida foi o conceito de libido, que foi extraído da teoria das emoções.

Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra 'amor'. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que é comumente chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo (FREUD, 1988b, p. 116-117).

Desse modo é que a psicanálise irá supor que as relações amorosas constituem a essência da vida mental coletiva. A identificação com o outro é antes de tudo um ato de fé, de amor. De outro modo, podemos dizer que o amor está na língua e que sem amor ela nada seria. Mas esse é apenas um primeiro passo que segue na nossa tentativa de encontrar algumas noções elementares da alteridade com a linguagem. Jacques Lacan fará avanços consideráveis sobre esse tema remetendo a inserção do sujeito na estrutura à existência de quatro funções fundamentais incluído-se a função paterna. Nosso trabalho não pretende ter esse alcance, vez que é demarcado pelos limites da abordagem histórica que fazemos.

Por que motivo, nesse ponto de nossa reflexão sobre a língua em Saussure, fizemos incidir algo de Freud? Se tomarmos essas afirmações de Freud sobre a vida psíquica da coletividade, poderemos aplicá-la ao conceito de língua, e considerá-la ao mesmo tempo como coletiva, psíquica e sexual - o que implicaria o corpo. É fato que, sem qualquer reflexão, quando falamos com alguém supomos que os vínculos entre os

significantes e os significados atribuídos pelos outros têm uma identidade com os nossos, que são supostamente conhecidos pela nossa consciência. Para Freud a identificação do falante com o outro por analogia é uma condição *sine qua non* para a compreensão que já se traduz por ser incompleta em sua significação. Aplicamos esse processo de inferência à identidade suposta entre as imagens acústicas e os conceitos a elas vinculados no que falamos e no que ouvimos. Identificamos nossa fala com a suposta fala dos outros. A identidade que supomos entre o nosso pensamento e as imagens acústicas que utilizamos para expressá-los é semelhante àquela que, por um processo de inferência, estabelecemos entre as imagens acústicas que escutamos dos outros e os seus pensamentos. O funcionamento da língua pressupõe um processo de identificação com um outro, com algo que ignoramos, mas que temos fé de corresponder ao que estabelecemos como identidade em nossa consciência. Isso só pode ocorrer por amor, ou seja, com base numa identificação imaginária.

Há ainda, portanto, uma outra maneira de colocar a questão da alteridade como algo que resiste a esse processo de identificação da fala com o sentido, que imaginamos o outro da coletividade poder ratificar. Isso remete às relações entre língua e Inconsciente, entre língua e sexualidade. Uma das justificativas para relacionarmos língua ao inconsciente pode assentar no fato de ser essa, por excelência, a instância da alteridade no funcionamento psíquico. Uma das formas que Freud encontra para justificar o inconsciente como lugar do Outro é pela ocorrência nos homens de “atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova” (FREUD, 1988a, p.192).

Uma das descobertas a que Freud chegou com a psicanálise foi a de que os processos psíquicos são dinâmicos, eles se escrevem numa sucessão de registros ordenados temporalmente, em cujos pontos virtuais se localizam sistemas distintos, a saber, o sistema inconsciente (Ics.), o sistema consciente (Cs) e o sistema pré-consciente (Pcs).

A partir dessa descoberta Freud levanta uma questão importante para nossa discussão sobre identidade e alteridade. Numa situação, própria do trabalho analítico, em que um ato psíquico que poderia ser, por exemplo, da natureza de uma idéia, (*Vorstellung*) ultrapassa o recalque e transita do Ics para a o Cs (ou Pcs). Freud (1988a, p. 200) pergunta:

Devemos nós supor que essa transição acarreta um registro novo – por assim dizer, um segundo registro – da idéia em questão, que, assim, pode também ser situada numa nova localidade psíquica, paralelamente à qual o registro inconsciente original continua a existir? Ou, antes, devemos acreditar que a transposição consiste numa mudança no estado da idéia, mudança que envolve o mesmo material e ocorre na mesma localidade?.

Freud está apoiado na experiência com seus pacientes, em relação aos quais havia observado que em nada adiantava comunicar-lhes uma idéia recalçada por eles que o psicanalista tenha conseguido descobrir. O simples fato de dizer-lhes isso não provocava qualquer mudança em sua condição. A única coisa que Freud afirma ter conseguido nesses casos foi uma nova rejeição da idéia recalçada. Ao transmitir ao paciente a idéia por ele recalçada Freud se dá conta de que a única coisa que o paciente, ao ouvir o que o analista lhe diz, passa a ter consciência é da lembrança do “traço auditivo da idéia” (FREUD, 1988a, p. 202). Embora o paciente, com certeza, possua uma lembrança inconsciente de sua experiência, esta não ultrapassa a barreira do recalque. Dessa forma, para Freud, a identidade entre o que o paciente ouve do

discurso do psicanalista e a lembrança recalçada é apenas aparente. Há uma resistência entre o traço auditivo e a idéia inconsciente.

[...] a identidade entre a informação dada ao paciente e sua lembrança reprimida é apenas aparente. Ouvir algo e experimentar algo são, em sua natureza psicológica, duas coisas bem diferentes, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo (FREUD, 1988a, p. 202).

Ora, o leitor já deve ter percebido que Freud usou em sua descrição do que o paciente escuta da fala do analista, literalmente, os mesmos termos que Saussure usou para definir o signo lingüístico, a saber, traço auditivo e idéia. Sendo que, onde Saussure vê uma identidade facilmente inferida no discurso do outro, pela via da *união*, entre a idéia e a imagem auditiva, no conceito de signo lingüístico, Freud, por sua vez, ao trabalhar com a hipótese do inconsciente, vê, pela via da resistência, separação.

Retomemos com de Lemos a aproximação que fizemos entre Saussure e Freud a respeito da concepção da alteridade na linguagem de um outro ângulo. Em seus trabalhos do período 1986 a 1992 no campo da aquisição de linguagem, mais precisamente sobre o caráter fundante do sujeito a partir do diálogo mãe/criança, Lemos (1986) aponta para o fato de esse processo de construção da diferenciação subjetiva que envolve organização lingüística, ou sua possibilidade, se constitui a partir de uma interação oral entre os participantes. Segundo ela, a atividade interpretativa da mãe se distancia da intenção comunicativa. Nesse processo dialógico mãe/criança a linguagem tem a função de fundar sujeitos. Esse processo de objetivação e subjetivação, segundo pensamento de Lemos à época (1986), de um organismo que estaria, originariamente, num estado de indiferenciação envolveria inicialmente o corpo em sua atividade sensório-motora. À época, a autora refletia sobre o pensamento de Baldwin (1895), mais precisamente sobre sua concepção de “reação circular”, que

descreve esse momento em que o bebê está encerrado na circularidade em que se sucedem seu movimento e a percepção que dele decorre e que, por sua vez, desencadeia outro movimento que a conserva ou reinstaura. Segundo essa concepção, a ruptura desse circuito teria como fonte a atividade sensorial (perceptiva) e motora do corpo do bebê. Segundo essa concepção, residiria na própria atividade corporal, orgânica, a diferenciação e constituição do sujeito. Lemos, por sua vez, aponta a relação com o outro semelhante nessa relação dialógica (linguagem), enquanto interação e oralidade, como o processo responsável pela ruptura do referido circuito. O outro representado pela figura do corpo materno que serve como fonte da atividade motora e pelos sons vocais proferidos pela mãe, soam como alimento para sua atividade motora e sensorial, são as pequenas frestas para o mundo da linguagem, o mundo do Outro.

Lemos desenvolveu, no final dos anos oitenta, essa concepção baseada em Saussure da ruptura do estado de indiferenciação do organismo indicada por Baldwin na noção de “reação circular”, estabelecendo assim, na referência à alteridade própria da linguagem um vínculo entre o corpo e linguagem que indicava para uma perspectiva Lacaniana da questão. Ela acentuará o fato de que são os mecanismos próprios da língua que constituem o sujeito nesse processo de diferenciação. A alteridade, portanto, apresenta-se como própria da linguagem, enquanto esta última seja feita de atrações e diferenças entre os termos. Um sujeito se define pela condição dada de se fazer produzir enquanto valor, no processo dialógico de diferenciação. Torna-se próprio da condição de ser sujeito o fato de estar subjugado a essa ordem da diferença, o fato de não haver unidade.

Identidade e alteridade, repetição e criação nos movimentos corporais do infans, a partir dos anos 90, passam a ser pensados por Lemos como processos referidos às relações metafóricas e metonímicas pensadas por Jakobson. As relações metafóricas e metonímicas são as formas que Jakobson encontra para demonstrar os efeitos da linguagem sobre a própria linguagem e para conceber esse funcionamento como inconsciente. Do ponto de vista sensorial, no ato de ouvir, se desencadeiam a partir dos significantes do outro, novas relações entre os significantes da criança, dentro de uma cadeia de significantes dada. Segundo essa perspectiva de Lemos, no caso da aquisição inicial da linguagem o enunciado da criança é ouvido e re-significado pelo enunciado do adulto já que seus significantes são formas isoladas, independentes, cuja significação não vem dada por sua posição em uma estrutura oracional e textual. Dessa forma é que a rede de significantes enlaça o sujeito na produção de valor para seus enunciados. O valor de um enunciado é, portanto, inteiramente marcado pela relação do enunciado a essa rede de significantes.

Na teoria do estágio do espelho Lacan insiste em afirmar que há um momento anterior à maturação fisiológica do corpo enquanto real, anterior ao momento em que o sujeito integra suas funções motoras, mas também no qual o sujeito ali adquire a consciência do seu corpo como totalidade.

[...] a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real. Essa formação é destacada do processo mesmo da maturação e não se confunde com ele. O sujeito antecipa-se ao acabamento do domínio psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo o exercício posterior do domínio motor efetivo (LACAN, 1986, p. 96).

Chamo a atenção aqui para o fato de que a criança se interessa pela forma do seu corpo refletido no espelho da mesma forma como se interessa pelos sons vocais

de sua língua materna. Essa abertura para o Outro pela via de uma relação imaginária já apontada por Lacan no estágio do espelho nos parece ser a questão mais importante que de Lemos vem nos trazer nos estudos de aquisição. A despeito de saber se a criança sabe com o que está lidando, se sabe que se trata de sua imagem e que esta imagem é a sua, Lacan dá ênfase ao simples interesse da criança pela sua própria imagem, o que a distingue do chimpanzé, por exemplo.

O que queremos ressaltar ao recorrermos ao estágio do espelho é a relação que este introduz entre corpo e linguagem. Segundo Lacan, é a dinâmica da relação à imagem do corpo, observado no mecanismo da especularidade do chamado primeiro narcisismo, que introduz a relação do sujeito/Outro com a linguagem. Ou seja, estando o sujeito desde antes aí no lugar do Outro, na anterioridade da formação do corpo próprio, a linguagem se enlaça à imagem do corpo e dando ao sujeito sua estrutura elementar, sua a forma fundamental, a relação ao outro. Esta, por sua vez, será o padrão fundamental que permitirá que se instaure o processo dialógico, já que o que comandou até esse momento a estruturação do seu corpo foi a voz do outro, o 'olho mítico' que permitiu que ele se veja como outro o fará prosseguir nessa passagem ininterrupta do corpo à língua.

Podemos, dessa forma, concluir que diferentemente da suposição de que uma ruptura do processo de indiferenciação do corpo se dê no próprio momento da aquisição de linguagem sendo por ela determinado; o funcionamento próprio da linguagem, lugar por excelência da alteridade, é o que dá a forma que permite a constituição do corpo próprio e, enquanto tal, do sujeito infans. O desenrolar de sua linguagem depende e decorre dessa organização corporal que o impulsiona para os objetos vocais ofertados pelo outro/Outro.

5.3 O corpo outro da Língua

Até aqui é importante levarmos em conta que procuramos discutir os marcos elementares da constituição da alteridade na linguagem e que isso implica o corpo. Todo ato e manifestação lingüísticos que noto em mim mesmo e que não sei como compreender, em geral são julgados como se pertencessem a outrem; são, na maioria das vezes, considerados como equívocos de um enunciador que, em geral, procuro ignorar. Muitas vezes compreendemos bem como reconhecer um equívoco lingüístico em outras pessoas, isto é, como algo que pode ser encaixado numa outra cadeia de significação, em geral com desfecho cômico. De forma inversa recusamos a aceitar um equívoco nosso e forçadamente tentamos re-encaixar o dito equivocado naquilo que queríamos dizer.

Para Freud, o recalque tem uma dinâmica própria, supõe uma modificação do estado da *Vorstellung* (*representação*), uma alteração de sua catexia. O jogo energético no lcs se caracteriza por dois processos: a) de deslocamento, no qual uma *Vorstellung* pode ceder a outra toda a sua cota de catexia; b) de condensação, no qual uma *Vorstellung* pode apropriar-se de toda a catexia de várias outras idéias. Esses dois processos são considerados por Freud as balizas constitutivas do que chamou de *processo psíquico primário*.

Segundo Freud, em determinadas condições patológicas os dois sistemas *alternam*, ou mesmo *permutam*, tanto seu conteúdo como suas características. Na esquizofrenia, por exemplo, a relação entre os sistemas psíquicos Cs. e lcs. apresenta o fato surpreendente de que muito do que é expresso como sendo consciente, nas

neuroses de transferência só pode revelar sua presença no lcs. através da psicanálise. Mais importante ainda é a constatação freudiana de que isso se apresenta através de modificações na fala e que mostram toda a relação entre pulsões - que são por definição inconscientes – língua(gem) e corpo.

No caso da paciente esquizofrênica do Dr. Victor Tausk (apud FREUD, 1988a), é nítida a *inscrição* do que é falado pela paciente no seu próprio corpo, pela via da imagem acústica, ou seja, do significante. Isso pode ser observado pelo fato de que a própria paciente se prontificava a explicar suas manifestações orais. O caso é narrado da seguinte maneira:

Uma paciente de Tausk, uma moça levada à clínica após uma discussão com o amante, queixou-se de que *seus olhos não estavam direitos, estavam tortos*. Ela mesma explicou o fato, apresentando, em linguagem coerente, uma série de acusações contra o amante. ‘De forma alguma ela conseguia compreendê-lo, a cada vez ele parecia diferente; era hipócrita, um entortador¹⁹ de olhos, ele tinha entortado os olhos dela, agora via o mundo com olhos diferentes’ (FREUD, 1988a, p. 226).

Segundo Freud (1988a), os comentários da paciente lançam luz ao mesmo tempo sobre o significado e sobre a proveniência da formação das palavras no discurso do esquizofrênico, o que tem relação com o corpo. A queixa da paciente de que seus olhos estavam tortos, de que tinha perdido os seus próprios olhos, de que estes teriam sido trocados pelos de outro é resultante da inscrição substitutiva de um significante inconsciente no seu próprio corpo. A expressão “entortador de olhos” (*Augenverdreher*) usada no sentido figurado de “enganador” é “falada” pelo corpo no sentido literal. É como se a paciente acusasse seu amante de ser um “cabeça-de-bagre” e, de repente, passasse a queixar-se de que sua cabeça não era de humano, era de peixe. A imagem acústica (*Vorstellung*) inconsciente “entortador de olhos” (*Augenverdreher*) manifesta-se,

¹⁹ “O termo alemão ‘*Augenverdreher*’ tem o sentido figurado de ‘enganador’”.

sem recalques, no caso da esquizofrenia, no corpo da paciente, não como conversão - como no caso da *histeria de conversão* -, mas como uma realidade que se manifesta numa sensação corporal. A imagem acústica “entortador de olhos” liga-se a um sentido inscrito na superfície do corpo através da sensação de que tem a paciente de que seus olhos estão tortos. A referida imagem acústica permite a inscrição de um sentido inconsciente no corpo da paciente, na sua superfície, assim se manifestando como se não houvesse recalque algum operando.

A segunda comunicação da paciente, apresentada por Freud no texto “O Inconsciente”, é talvez mais reveladora ainda desse processo, vamos descrevê-la integralmente: “Ela estava de pé na igreja. De súbito sentiu um solavanco: teve de *mudar de posição, como se alguém a estivesse pondo numa posição, como se ela estivesse sendo posta numa posição, como se ela estivesse sendo posta numa certa posição*”.

Veio depois disso uma série de acusações contra o amante. Ele era vulgar, ele a tornara vulgar também, embora ela fosse naturalmente requintada. Ele a fizera igual a ele, levando-a a pensar que era superior a ela; agora ela se tornara igual a ele, porque ela pensava que seria melhor para ela se fosse igual a ele. Ele *dera uma falsa impressão da posição dele*; agora ela era igual a ele’ (por identificação), ‘ele a *pusera numa falsa posição*’ (FREUD, 1988a, p. 226)

Segundo a interpretação de Freud e Tausk o impulso para o movimento físico de mudar a posição do seu corpo, expressava o sentido literal de ‘*pondo-a numa falsa posição*’ usada no discurso da paciente referido a seu amante como expressão metafórica. Mas é importante registrar que Freud concebe a forma como essas imagens acústicas encontram seu sentido no corpo, de maneira diferente na histeria e na

esquizofrenia. Para ele há uma diferença entre essa *sensação*, esse *impulso*, observado na esquizofrenia e a conversão que, *de fato*, ocorre na histeria. Além disso, segundo ele, em nenhum dos dois casos ocorrem quaisquer pensamentos conscientes concomitantes, nem se expressam quaisquer pensamentos depois.

Podemos constatar, mais uma vez, os vínculos que Freud estabelece entre linguagem e corpo. Aqui pudemos observar, mais especificamente as relações que ele encontra entre o significante e o corpo. Vinte anos depois de ter abandonado as abordagens puramente anatômicas do corpo, em 1915, no artigo “O Inconsciente”, Freud (1988a, p. 227) expressa isso com as seguintes palavras: “Gostaria de chamar a atenção mais uma vez para o fato de que todo encadeamento de pensamento [que envolve a *Vorstellung*] é dominado pelo elemento que possui como conteúdo uma inervação no corpo (ou, antes a sensação dela).”

CAPÍTULO VI

6 À GUIA DE CONCLUSÃO: o enlace da linguagem no corpo pulsional

O conceito de pulsão em Freud é considerado, inclusive pelo próprio autor, um conceito mítico. Isso se deve ao fato de que a pulsão nunca se dá por si mesma (nem a nível consciente nem inconsciente), ela só é conhecida pelos seus “representantes”: a representação (*Vorstellung*) e o afeto (*Affekt*). Além disso, o seu caráter mitológico decorre também do fato de que para Freud a pulsão tem uma dupla essência: somática e psíquica. Uma leitura que se detenha nos termos freudianos pode chegar facilmente a esse ponto que envolve o orgânico e o psíquico no conceito de pulsão.

O termo pulsão, portanto, geralmente carrega em torno de si uma certa confusão com o que se costuma chamar de instinto, Freud se ocupa desta questão. O termo utilizado por Freud em alemão é *Trieb*, que pode ser traduzido em português por impulso, considerada a tradução inglesa. Mas isto não basta para revelar a contradição escondida neste conceito em Freud. Tal contradição, ainda que seja inerente a todo conceito fundador, não era ignorada por Freud e residia na distinção entre o registro da pulsão e o da necessidade vital. No início de “*A Pulsão e seus destinos*” Freud alerta para o caráter provisório de seus conceitos, mesmo de “conceitos fundamentais” como o de pulsão, para em seguida afirmar que: “Uma pulsão nos aparecerá como um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente [...] (FREUD, 1988a, p 142)”.

Por outro lado, porém, Freud aponta a fome e a sede como exemplos disso. Então surge a questão: seria da fome, enquanto necessidade orgânica, vital, que ele estava falando? Ao considerar essa contradição como um ponto a ser investigado, Lacan deu um passo da maior importância para os avanços da teoria da pulsão e, por que não dizer, da psicanálise.

No *Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1998b) faz uma retomada do texto de Freud de 1915, “As pulsões e seus destinos”. Na teoria da pulsão, o ponto a que Lacan retorna no texto de Freud é, portanto, o da relação entre o registro da pulsão e o da necessidade vital.

Para Lacan (1998b), o fio que leva Freud a elaborar esse conceito já pressupõe um desinteresse pelo vivo. Propondo distinguir pulsão de impulso, Lacan afirma que a pulsão está fora do registro do orgânico. Para Lacan a pulsão não é o impulso. A partir da leitura que faz de Freud, Lacan se propõe realizar uma desnaturalização do conceito de pulsão. Ele retoma o conceito de pulsão em seus quatro termos de maneira a redefini-los: o *Drang*, que é o impulso, a pressão constante. A *Quelle*, a fonte. O *Objekt*, o objeto. O *Ziel*, o alvo. Porém, para Lacan essa enumeração não é tão natural assim, entre eles ocorre uma disjunção. Aqui vale a pena citar Lacan na íntegra:

O impulso primeiro vai ser identificado a uma pura e simples tendência à descarga. Esta tendência é o que se produz pelo fato de um estímulo, a saber, a transmissão da parte admitida, ao nível do estímulo, do suplemento de energia, a famosa quantidade Q_n do Entwurf. Só que Freud nos faz, sobre isso, e de saída, uma observação que vai muito longe. Sem dúvida, aqui também, há estimulação, excitação, para empregar o termo de que Freud se serve nesse nível, Reiz, excitação. Mas o Reiz, de que se trata, concernente à pulsão, é diferente de qualquer estimulação proveniente do mundo exterior, é um Reiz interno. O que quer dizer isto?
[...]

Temos para explicitá-lo a noção de necessidade, tal como ela se manifesta no organismo, em níveis diversos e primeiro no nível da fome, da sede. Aí está o que Freud parece querer dizer ao distinguir a excitação interna da excitação externa. Muito Bem!, que seja dito que desde as primeiras linhas, Freud coloca, da maneira mais formal, que não se trata absolutamente no Trieb, da pressão de uma necessidade, tal como Hunger, a fome, ou Durst, a sede.

[...]

Com efeito, para examinar o que é do Trieb, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce ao nível do organismo em sua totalidade? [...] É o vivo que está interessado aqui? Não (LACAN, 1998b, p.150).

Essa abordagem que Lacan faz da pulsão desloca, pela via propriamente lacaniana, o conceito de corpo de uma abordagem puramente biológica. Assim, uma vez que a pulsão não é inata, a possibilidade ou não da constituição de um corpo pulsional, de um corpo que não se confunda com o organismo vivo é algo que depende da constituição do organismo como totalidade. Para Laznik-Penot (1997) a situação dos autismos é uma situação limite da instalação pulsional. Temos, portanto, uma clara distinção entre um corpo que está isolado do laço social, que não está atravessado pelo simbólico, “[...] um corpo devastado pelo desamparo” (LEITE, 2003, p. 3) e um outro no qual a linguagem se inscreve.

Segundo essa perspectiva o que falha nos autismos é essa constituição do corpo pelo simbólico, isso faz advir justamente um quadro onde não há apelo ou demanda. A demanda como característica inerente à pulsão e à linguagem adquire aí sua importância a se considerar com Nina Leite “[...] o gesto de demanda como a célula mínima que caracteriza um ato lingüístico [...]” (LEITE, 2003, p.1).

Há casos de autismos nos quais a integridade orgânica está garantida, mas há presença significativa de problemas relacionados à aquisição da linguagem e à fala. Ainda que se possa encontrar emissões fônicas que variam de gritos, barulhos e sons, até casos que apresentam produções verbais em forma de *slogans* não se identifica nenhuma produção lingüística *stricto sensu*.

Ao que a psicanálise dá o nome de corpo pulsional não poderá prescindir de sua mortificação pela linguagem para se constituir como totalidade simbólica.

Trata-se da articulação entre duas ordens materiais heterogêneas: o orgânico e o significativo, a partir da relação com o outro sustentada pelo imaginário materno. [...] dessa articulação sobra um resto que configurará justamente o objeto pulsional que adquire estatuto de causa do desejo (LEITE, 2003, p.5).

As pessoas que sofrem da síndrome de Cotard costumam afirmar, em seu delírio, que não têm boca, nem estômago, que não morrerão nunca. Essas pessoas, segundo Lacan, estão identificadas a uma completude imaginária, de tal forma, que lhes falta nessa imagem toda e qualquer hiância. Esse exemplo serve para demonstrar que a realidade do corpo depende de uma dialética entre o simbólico e o real, que envolve a relação do sujeito ao Outro.

No momento mesmo em que algo da ordem da linguagem falha nessa operação – como, num outro exemplo, os autismos podem nos ensinar - podemos ter as mais claras demonstrações de que algo no corpo não se estrutura.

A considerar as recentes observações da psicanalista Marie-Cristine Laznick-Penot, é possível até “re-interrogar a articulação entre uma estrutura propriamente pulsional e uma outra estrutura, unicamente governada pelo princípio do prazer” (LAZNIK-PENOT, 1997, p.10) e com isso interrogar a própria subjetivação do sujeito. Por essa via talvez tenhamos como entender o que Lacan (1998) anuncia no seminário 11: a existência de uma estrutura capaz de funcionar “sem que nem por isso haja o mínimo sujeito”. Mas para efeito de conclusão de nosso trabalho essa afirmação serve apenas como contraponto na sustentação da tese de que o enlace à linguagem é condição para um corpo estruturado.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. **Letra a letra**: transcrever, traduzir, transliterar. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- BIRMAN, Joel **Ensaio de Teoria Psicanalítica**, ed. Jorge Zahar, 1993.
- DAMÁSIO, Antônio R. **O Erro de Descartes**: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DOR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado com uma linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FERNANDES, Lia Ribeiro. **O Olhar do Engano**: autismo e outro primordial. São Paulo: Escuta, 2000.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação das Afasias**. Lisboa: Ed. Setenta, 1977.
- _____. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1988a. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).
- _____. **Além do princípio de prazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988b. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18).
- _____. **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1988c. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 4-5).
- _____. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988d. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 2).
- _____. **Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)**. Rio de Janeiro, Imago, 1988e. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 3).
- _____. **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos**. Rio de Janeiro, Imago, 1988f. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1).
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.
- _____. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000. v. 1-3.

JONES, Ernest . **Vida y Obra de Sigmund Freud**. Buenos Aires: Ed. Nova, 1959. v. 1.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998a.

_____. **O Seminário**: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998b.

_____. **O Seminário**: livro 2: **O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

_____. **O Seminário**: livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

_____. **O Seminário**: livro 3: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **O Seminário**: livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

_____. **O Seminário**: livro 1: os escritos técnicos de Freud. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1986.

LAZNIK-PENOT, Marie Cristine. **Rumo à palavra**: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Ed. Escuta, 1997.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo (Org.). **Corpolinguagem**: gestos e afetos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

LE MOS, Cláudia Tereza Guimarães de. Sobre a aquisição de Linguagem e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralín**, n. 3, p. 97-126, 1982.

_____. A Sintaxe no Espelho. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 10, 1986.

_____. Da morte de Saussure o que se comemora? **Revista “Psicanálise e Universidade”**, PUCSP, São Paulo, 1995a.

_____. Língua e Discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, dez. 1995b.

_____. Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**, v. 1, n. 1, p. 121-135, 1992.

_____. Sobre o Estatuto Lingüístico Discursivo da Narrativa na Fala da Criança. **Lingüística**, v. 13, p. 23-60, 2001.

_____. **Sobre o Paralelismo, Sua Extensão e a Disparidade de Seus Efeitos.** São Paulo: Ed. Cortez, [no prelo].

LEMOS, Maria Tereza. **A Língua que me falta:** uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2002.

LIMA, Jarbas Couto. **A Outra face do Espelho.** In: COLETÂNEA: 10 anos de Psicanálise no Maranhão. São Luís: [s.n.], 1995.

MILNER Jean Claude. **O Amor da Língua.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MORAES, Maria Rita Salzano. **Materna/Estrangeira:** o que Freud faz da língua. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística), Unicamp, 1999.

_____. **Como a Linguagem Separa a Fala do Corpo** IN: LEITE, Nina Virgínia de Araújo (Org.). **Corpolinguagem:** gestos e afetos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

NANCY, Jean-Luc. **O Título da Letra:** uma leitura de Lacan. São Paulo: Ed. Escuta, 1991

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão e linguagem:** esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Ed. Cultrix, [s.d.].